

Voz de Antas



BOLETIM PAROQUIAL



Director e Editor:

P.º MANUEL DE BRITO FERREIRA

Propriedade da Paróquia:

S. PAIO DE ANTAS

Redacção e Administração:

CENTRO PAROQUIAL — TELEF. 87250

Composição e Impressão:

TIP, OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

DESEJO DE AUTENTICIDADE

Mais do que nunca se fala de autenticidade. Mais do que nunca proclamamos a sua necessidade. O homem deseja ser homem autêntico. Mas por vezes tropeça no passar do desejo à realidade.

Conhecemos pela História os desvios deste rumo que consideramos certo. Desde o tempo em que viveu em cavernas até à época em que orgulhosamente devassa os espaços numa evolução que não pára, o homem tem dificuldades na construção da ponte de passagem do idealismo para a vida prática. Apesar de tudo quer ser autêntico.

Não lhe falta o exemplo de Cristo nem a doutrina do Evangelho. «Seja o vosso falar sim sim, não não».

Isto significa autenticidade.

O nosso povo costuma dizer: «pão pão, queijo queijo». É a expressão da mesma realidade. Na vida prática porém, nem pão nem queijo. Nem sim nem não. É que quando se trata de viver o dia-a-dia em autenticidade, as falhas são inúmeras. As críticas que fazemos, tantas vezes injustas, pedindo que não sejam divulgadas. Os comentários que fazemos, mesmo que cheirem a falsidade, são disso prova cabal.

Tantas e tantas vezes falamos dos ausentes. Porque não temos a coragem de dizer frente a frente o que pensamos. Porque talvez não corresponda à verdade o que dizemos. E os ausentes não podem defender-se do que injusta e falsamente lhes é atribuído.

Não era assim que Cristo procedia. Aos fariseus chamou-lhes «hipócritas», mas cara a cara.

Recordemos outra cena do Evangelho. Diante de Jesus uma mulher envergonhada e confusa, apanha em flagrante adultério. Um grupo de homens dispostos a apedrejá-la, para dar cumprimento à Lei de Moisés. É pedida a opinião de Jesus. Num frente a frente, depois de com Ele insistirem, limita-se a di-

zer-lhes: «Quem de entre vós estiver sem um pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra»...

Silêncio. Espanto. Confusão. Retirada... Autenticidade.

Ninguém lhe atirou pedras.

A Lei de Moisés permitia-o. Não o permitiu a voz da consciência, em atitude de autenticidade.

Na opinião da Filosofia Popular, não é acertado atirar pedras ao ar, quando se tem telhados de vidro. E esta Filosofia não está em desacordo com o Evangelho — espelho da verdadeira autenticidade.

A Educação começa na infância

Fala-se muito do respeito que as crianças devem aos adultos, porém não o bastante sobre respeito que os pais devem às crianças. A criança

tem gostos, sofrimentos, ilusões, ansiedades e temores que se devem respeitar.

Entretanto, não pode haver respeito do forte para o fra-

co sem compreensão. O primeiro dever de todo o pai é compreender seu filho.

O ponto de partida para compreender a criança consiste em estar consciente de que nenhuma das suas ações é ditada pelo capricho, uma vez que tudo nele responde a uma necessidade da sua natureza.

A criança, brinca por prazer, mas o brinquedo é para ela uma necessidade imperiosa e serve como propósito para fazê-la conhecer o mundo, relacionando-a agradavelmente com as coisas, os animais e pessoas. O instinto do brinquedo que antes se considerava um obstáculo para a educação, hoje reconhece-se como a melhor ajuda. O que infelizmente, duma maneira geral, os educadores não tem isto presente quando se trata de concretizar.

Enquanto não se compreender isto, a educação infantil é um tormento para a criança.

Actualmente sabe-se, ou devia saber-se que as correias e as penitências não são a melhor maneira de focalizar o problema do Adestramento. O Adestramento da criança começa desde o seu nascimento. Nos primeiros anos limita-se ao ensinamentos de Hábitos que lhe facilitem a vida e a preparem para o futuro ajustamento na sociedade. A rotina diária na vida infantil é o primeiro aspecto do treino da sua futura conduta. Esta rotina proporciona à criança um sentimento de segurança, porque sabe o que irá acontecer.

Certamente que agora surge uma pergunta: como adestrar a criança? É necessário termos em conta regras fundamentais, que são: 1.º) Ensinar à criança somente aquilo que o seu estado de desenvolvimento físico e mental permita apreender. Por outras palavras, não tentar adiantar os acontecimentos: não procurar fazer andar a criança antes do tempo ou fazê-la comer com as suas próprias mãozinhas se a coordenação dos seus músculos não está normalizada. 2.º) Exercitar a criança pensando que esta aprende por meio



Descolonização

Eu sei, Mãe. Sei o peso que vai no teu coração. Sei da inquietação e saudade pelo filho que ainda lá ficou. Que acreditou no futuro. Lá. Sei a angústia pelos outros, por cá, desempregados. Pela tua filha que, com o sétimo ano, prestes a entrar na universidade, está a servir como empregada doméstica. O teu marido não ganha o suficiente para todos... Sei as lágrimas que te alagam os olhos (donde te virá tanta água), pelo que lá tombou, na força dos seus 22 anos, entusiasmado e confiante na luta em que se empenhou, crente de estar a construir um país novo... E nem sequer foi sepultado... Sei, Mãe, dos teus esforços para animar a todos, para transformar o nada que possuis na alegria de todos e na esperança de cada um. Sei de quanto te doi a dureza do clima, tão mal agasalhada. O teu coração aperta-se; sentes no teu corpo o frio de cada um dos teus. Eu sei, Mãe. Eu sei da saudade do teu lar. Da tua cozinha... Quantos sacrifícios para a pagar! Quantos anos levou?... E o teu enxoval? Os bordados que, ainda menina, fizeste a sonhar, cada ponto tecido de amor! Como te sentes despojada daquelas coisas de mulher, de dona de casa! Eu sei, Mãe.

Tudo por lá ficou! Como e com quem?...

Eu sei como a amargura roça por vezes o desespero. Como te sentes no fundo de um poço. Tão só, parece que abandonada, espoliada, jogada fora.

No entanto...

Pensa, Mãe, que nada é inútil ou está perdido. Há Um amigo que sabe o que disse:

«Vinde a mim todos os que estais oprimidos e eu vos consolarei». Juntemos, tu e eu, o nosso sofrimento, passado,

(Conclui na 2.ª Pág.)



**Juventude Agrária,
Estudantil, Operária
Católica de Antas**

— Para ti tem uma missão: ser militante no apostolado dos jovens.

— Deixa-te um pedido: estuda as suas estruturas (treze sectores de actividade) e inscreve-te como associado. E lembra-te:

«Os JOVENS exercem na sociedade de hoje um influxo da maior importância (...). Este acréscimo de influência exige uma actividade apostólica correspondente. Aliás a sua própria índole natural os dispõe para ela (...). Eles mesmos devem ser os primeiros e imediatos apóstolos da juventude e exercer por si mesmos o apostolado entre eles, tendo em conta o meio social em que vivem».

VATICANO II

Decreto «O Apostolado dos Leigos» (A. A. 12)

(Conclui na 4.ª Pág.)

Memórias da nossa Terra

I — «MEMÓRIAS DO P.E BENTO»

(Conclusão do número anterior)

«O povo continua sempre dizendo que temos uma linda igreja; e eu dizendo sempre o contrário, porque a frontaria e a torre metiam nojo; por isso fui martelando sempre, ajudado pelo Reverendo António Martins Ledo, capelão desta freguesia e por mais algumas pessoas. Os dias, os meses e os anos, lá foram caindo no abismo insondável dos tempos e no ano de 1895 apareceu de tudo; bom e mau, óptimo e péssimo. Do dia 18 para 19 de Janeiro apareceu morto o José Lameiro, de S. Paio de Cima, mas barbaramente assassinado; este facto revoltou-me e devia revoltar a todos se em todos houvesse dignidade e brio: mas como na noite de 21 para 22 de Outubro de 1859 foi morto o reverendo António José Sampaio como tantas e tantas vezes me contou o P. José Caramalho e tudo ficou em paz podre e o facto não me-

Descolonização

(Conclusão da 1.ª Pág.)

presente e futuro, ao de todas as Mães — as da descolonização e as da guerra, as da emigração e as que não emigraram — e vamos entregá-lo ao Jesus do Presépio e ao Jesus do Calvário. E dizer-lhe:

Toma, Senhor, ajuda-nos a aceitar, amorosamente, tudo quanto nos custa, e ainda que aos tropeços, a caminhar contigo, a carregar contigo a nossa cruz de Mães deste tempo, limão espremido, esgotado, mas feito amor por ti e pelos irmãos que nos rodeiam, na família e fora dela!

Ajuda-nos a compreender o valor do sofrimento, unido ao teu. Que nem uma só gota se perca. Ajuda-nos a compreender que a vida é o maior bem concedido por Deus ao Homem, e que não é lícito sair dela, antes do seu termo natural.

Perdoa-nos, Senhor, os desânimos e cansaços, as impaciências, as raivas e as revoltas. Ajuda-nos a transformar tudo em aceitação amorosa, em paciente esforço para recomeçar, refazer tudo, como se de novo nascêssemos. Em Esperança e em fé; na confiança e no Amor.

Senhor, que vejamos claro, que depois da noite vem o dia, que ao inverno, sucede a Primavera, com a sua luz, as suas flores, os seus cantares; que todos os dias nasce uma nova luz no coração dos Homens... mesmo no daqueles que emigraram na esperança e foram forçados a regressar vazios, na saudade e na dor...

ALDA

teu nojo às autoridades desse tempo; infelizmente deu-se nos meus dias a repetição dessa tristíssima cena. Deus tenha misericórdia de nós e abra os olhos a esses palermas que deitam sobre si os crimes dos outros.

Castigar os que erram é uma das obras de misericórdia porque como dizia Vergílio — «audaces fortuna juvat» (verso coxo) e o meu professor de latim (José Cândido) fazia completar dizendo: «timidosque impurrat».

Nesta freguesia há excelentes famílias, há pessoas muitíssimo respeitáveis, mas também tem e teve sempre, morrinha em magna quantidade; e muito fedentinhosa; devíamos até pedir continuamente ao milagroso S. Sebastião que nos livrasse dela, assim como lhe pedimos que nos livre da peste, da fome e da guerra. São caras semelhantes aos antigos patacos falsos: não trincanão, mordem do fruto e retalham o indivíduo; mas se ele lhe deita um osso, não lhe beijam somente a mão, são porcos lambem-no todo «A planta pedis usque ad verticum» — o dito do sábio; «amicus Plato sed magis amica veritas»; nesta freguesia não tem lugar já se vê para o canalhismo: para esse deve dizer-se «amicus Plato, sed magis amicus Venter».

Aquele que vier depois de mim, talvez se persuadirá que exagero; mas dê tempo ao tempo que depois confessará que digo da verdade um vislumbre. A tinha já está entranhada na massa do sangue e por isso «vigilate» que eu vou fazendo o mesmo.

Depois deste cálice amargoso que me fez tragar o tal senhor no ano de 1895 no seu Janeiro tão cheio de mau pessimismo, veio o pequenino Fevereiro todo cheio de bom e óptimo.

O Ex.^{mo} sr. Barão de Maracanã, quase ao completar os seus 89 anos e já em partida

para o reino da verdade, lembra-se da sua mãe da terra e faz-lhe o lindo presente de dois contos de reis; quando o meu bom e sempre leal amigo P. António Martins Ledo, me deu esta notícia, senti um prazer como nunca. Esta notícia fez-me esquecer todas as porcarias do tal Janeiro: principiiei logo a sonhar somente no aformoseamento da igreja de S. Paio de Antas.

A planta já estava feita e estava à minha vontade e do meu Ledinho, padre; mas estávamos como aquele que mandou fazer o moinho sem saber da água; logo, porém que foi explorada — zás. Tratamos a obra com os mestres Francisco José da Silva e Manuel Gonçalves Carapito, pedreiros, por um conto e 800.000 reis; o ex.^{mo} sr. Barão ainda chegou a ser sabedor disto, mas logo faleceu. E foi por ele que os sinos tocaram pela última vez na tal torre (porcaria de gato).

Torre e fronteira foram logo lançados em terra e anda ainda em construção a nova fronteira e torre sobre a porta principal; deu-se à igreja mais o comprimento de trinta palmos, criando-se mais dois arcos, um por cada lado. Tratamos também do levantamento de toda a igreja, à excepção da capela-mor, de modo que com esta reforma o que talvez será a última, tudo fica novo, à excepção de alguns braços da parede até à altura da porta travessa, pelo lado sul, e os três arcos de pedra na nave do Santíssimo Sacramento. A obra anda em construção e chegaremos nós a ver tudo concluído? Teremos a sorte daquele benemérito que deu tão grande esmola? Só Deus Nosso Senhor o sabe; mas se não tivermos a dita de ver concluída tão linda obra, seja sempre bendito. Laudate!

Graças infinitas sejam dadas a Nosso Senhor. No dia 17 de Abril de 1895 os pedreiros principiaram a deitar abaixo a fronteira da igreja e no dia 16 de Maio de 1896,

(Conclui na 11.ª pág.)

CONTO

Névoas em S. Paio de Cima

P. Dr. Adélio Torres Neiva

Quem vem de Esposende são quase duas léguas. Duas léguas afuniladas a abrir caminho por entre pinhais do cabo do mundo. As tantas há uma aberta e entra-se na aldeia pelas traseiras. Vila Chã. Meia dúzia de casas paradas a olhar para a veiga, bem sabendo que é da veiga que lhes virá o caldo e a fornada. São casas isoladas por hortas e sebes de qualquer coisa, autónomas, sem meterem o bedelho na vida alheia. Ao fundo é o rio, descendo às curvas, a petiscar a fresca dos amieiros, a recrear. Atravessa-se com cautela, pé aqui, pé ali, por uma levada velha, que se baba toda em barulho e em espuma, deliciada pelo declive fácil, e é outra vez pinhal fechado. No inverno são léguas de tristeza que Vila Chã vem ouvir toda a noite aquele choro dos pinheiros. Mas apenas a primavera vem por aí abaixo a cobrir de centeio as encostas e a semear boninas pelos lameiros, Vila Chã esquece-se do pinhal e desce para a veiga.

Só o Henriques é que não. É a hora de ele cuspir nas mãos e meter pelos atalhos do pinhal. O pinhal é o seu dia. É o guarda das matas. As bouças conhecem-no e sabem-lhe as horas. Chuvadas, ventanias qual quê! Em tempos de guerra não se limpam armas e toca a andar.

Era preciso um corpo daqueles, cheio de forças e de músculo, a obrigar as calças de cotim a um esforço para além das suas possibilidades, para num dia dar uma batida àqueles pinhais do arco da velha. Mas o Henriques é aquilo desde que Vila Chã o conhece. Um marmeleiro na mão prestes a varrer de uma só nortada quanto galego lhe ande a comer a pilha, e saindo da cara como duas setas, aqueles olhos de lobo que varavam à distância a miudagem da lenha.

— Eh! Vem aí o tio Henriques.

É ó pernas que tudo se sumia por essas fragas do pinhal. Só ficavam os feixitos de lenha, sem se defenderem, a aguentar as pragas do dono. A pior razão era sempre a deles, que o Henriques nunca fazia aquilo por menos de dois pontapés a cada feixe. Depois «ou esta ladroeira acaba ou vai aqui a guerra civil de Espanha» e os seus olhos lá seguiam a furar a solidão.

No tempo dela, eram as mulheres à caruma. Manhã cedo, quando o toque do sino dava em descer pela veiga, subiam elas o pinhal. Aos bandos como as sardinheiras à hora da caminheta. Corriam pelos atalhos, que não tardava a nascer o sol. Por alturas de fazer o caldo, lá vinham elas. Derreadas, que os feixes iam até onde a corda desse. Desciam a correr que valha-me Deus é quase meio-dia.

— Alto lá. Donde vem essa caruma?

O Henriques. Ameaçador, com o pau em posição como se fora o cano de uma espingarda.

Que não senhor, que vinham de Forjães, que as bouças ali não estavam quitadas, que isto, que aquilo.

(Continua na 4.ª pag.)

P'ra Igreja - Obras paroquiais - A nossa Causa

(2.ª fase)

Com imenso agrado e particular estima, registamos as generosas ofertas em prol das grandes obras que todos pretendemos levar avante, para o progresso da nossa terra:

Alguém	10.000\$00
Alguém	500\$00
Armando de Almeida Torres Neiva	500\$00
Augusto Meira da Cruz — Azevedo	1.000\$00
António Meira da Cruz Saleiro	500\$00
Albino Ribeiro de Sá — Forjães	1.000\$00
Carlos Alves Caseiro — Guilheta	1.500\$00
David Gonçalves Caramalho — Guilheta	1.000\$00
Domingos Alves da Cruz da Zenha — Azevedo	1.000\$00

Ermelinda Vieira Torres Lima — Azevedo	15.000\$00
José Dias Ferreira — Belinho	1.000\$00
José Torres da Costa — Belinho	4.000\$00
Júlia Maltês Torres — Guilheta	2.000\$00
Joaquim de Sá Neves — Guilheta	500\$00
Manuel Alves da Cunha (2.ª prestação)	400\$00
Manuel Cândido Meira da Cruz — Azevedo	1.000\$00
Manuel da Costa Azevedo — Azevedo	1.000\$00
Maria Salete Pires de Sá — Estrada	250\$00
Maria da Conceição Eiras — Guilheta	240\$00
Maria Gomes de Matos — Guilheta	100\$00

A paróquia reconhecidamente grata pela obra de todos nós.

Notícias em síntese

É interessante saber que...

— Festa de S. Paio (Padroeiro)

Decorreu com entusiasmo, como vem sendo costume. Os devotos renderam a sua homenagem. Toda a comunidade paroquial e restantes fosteiros se incorporaram na Procissão e ocuparam o restante tempo da tarde ouvindo concertos musicais de um agrupamento de músicos.

— Actividades Livres

A JAEOCA através do sector de Actividades Livres organizou 30 equipas de crianças da 3.ª classe da Catequese, que se dispõem ao zelo e assistência dos jardins e recinto paroquial.

— Cartões de Associados

Da JAEOCA poderão ser obtidos enviando duas fotografias (tipo passe) para o Movimento Associativo, pagando 5\$00 para o preenchimento da ficha de Proposta de Admissão de sócio.

— Passeio-Convívio

Foi organizado pela JAEOCA — Sector de Passeios, no dia 24 de Julho com o itinerário: Antas, Balazar, Sameiro-Bom Jesus (travessia) a pé, Gerês (Barragens e S. Bento da Porta Aberta), S.ª do Alívio (Encontro Eucarístico), Arcos de Valdevez, Monção, Valença, Viana do Castelo.

Convivemos, em Família Paroquial, crianças, jovens e adultos.

— O Tríduo

Do Santíssimo Sacramento (4 a 9) de Junho p. p. foi mandado pregar por um devoto (Manuel Alves da Cunha) que arcou com todas as despesas.

— Campo de férias e serviço social para jovens

Uma iniciativa das Irmãs Hospitalares do Sagrado Coração de Jesus (S. João de Deus).

Têm nove estabelecimentos de assistência, onde diariamente são tratadas cerca de 3.000 pessoas, sendo a grande maioria doente de foro psiquiátrico (80%) e os restantes (20%), idosos e deficientes motores.

Desejosa de colaborar na consciencialização dos jovens a respeito dos problemas assistenciais do país, esta Congregação vai oferecer, este ano, às raparigas de Portugal, vários campos de férias e de experiência assistencial — Funcionário simultaneamente em Braga (Nogueiró), Condeixa (perto de Coimbra), em Assumar (Alentejo) e na Idanha-Beças (Lisboa).

Começam no dia 11 de Julho e todos terão a duração de 10 dias, de acordo com o seguinte calendário:

11 a 22 de Julho
25 de Julho a 5 de Agosto
16 a 27 de Agosto.

— Aulas de Religião e Moral

Com a aproximação da data das matrículas para o novo ano lectivo 1977/78, recordamos o Vat. II:

«Conhecendo a obrigação gravíssima de cuidar, com empenho, da educação moral e religiosa de todos os seus filhos, a Igreja deve estar presente, com o seu especial carinho e ajuda, a todos os que estão a ser educados em escolas católicas». (Vat. II)

Os pais católicos têm o direito e o DEVER de consciência de reclamar para os seus filhos uma educação orientada pelos princípios cristãos. Não podem abdicar desse direito. Exijam-no. E a Escola não pode recusar-se a atender esse justo direito dos pais, e muito menos ludibriá-los com insinuações ou expedientes ambíguos.

Pede-se às famílias cristãs mais conscientes que alertem as outras para o cumprimento deste dever e exigência deste direito.



Novos filhos de Deus:

Em Junho

Dia 5 — Susana Rolo Varagão, nascida em 18 de Maio de 1977. Filha legítima de José Martins Varajão e Maria de Lurdes de Matos Rolo, residentes em Guilheta. Foram padrinhos: António de Matos Rolos, de 16 anos e Maria Alice (Rita) Alvarães Martins, de treze anos, ambos de Guilheta.

Dia 9 — Maria de Fátima de Barros Marques, nascida em 21 de Abril de 1977. Filha de Mário Neiva Marques e Amélia Gonçalves de Barros Marques, residentes no lugar de Estrada. Foram padrinhos: Mário Henrique Abreu Barros, de 18 anos e Maria Emília Neiva Marques, de 18 anos.

Dia 9 — Sónia Maria Patrão Pereira, nascida em 28 de Abril de 1977. Filha de Manuel Meira Pereira e Maria da Glória Carneiro Patrão, residentes no lugar de Guilheta.



Com a idade de vinte e oito anos, faleceu no dia 27 de Junho p. p. em casa de seus pais em Belinho, o padre Joaquim Pereira Fernandes Lima.

O jovem sacerdote era filho de Alfredo Fernandes Pereira Lima e de D. Maria de Lurdes Fernandes Pereira. Nasceu em 22 de Maio de 1948, frequentou o Seminário Diocesano, e ordenou-se de sacerdote em 15 de Agosto de 1974. Durante os seus quase três anos de sacerdócio trabalhou na Casa dos Rapazes, em Viana do Castelo. Vítima de doença que não perdoa havia sido, há dias, internado na Clínica Cirúrgica da Rua do Raio, em Braga, onde, sem êxito, se tentou uma intervenção cirúrgica.

Ao cortejo fúnebre, organizado de casa para a igreja paroquial, esteve presente toda a freguesia com os seus

Faleceu

O P.º Joaquim Pereira Fernandes Lima

movimentos de apostolado e numerosos amigos das freguesias vizinhas e de Viana do Castelo, onde o falecido exercia a sua actividade pastoral.

Cerca de sessenta sacerdotes paramentados, acompanharam o féretro, transportado por sacerdotes condiscípulos do finado. Presidiu ao acompanhamento o Rev. Arcebispo de Esposende.

Chegado o funeral à igreja, o sr. D. Manuel Ferreira Cabral, Vigário Capitular, presidiu à celebração, fazendo, na altura própria, o elogio fúnebre e apresentando os pésames ao clero da diocese, à paróquia e aos familiares.

Concelebraram cerca de cinquenta sacerdotes, tendo ladeado o sr. Bispo de Dume o Cônego Constantino Macedo de Sousa, Monsenhor Daniel Machado, o arcebispo de Esposende e os sacerdotes naturais de Belinho, P. P. Alves Coutinho e Amorim.

«Voz de Antas» enviou o cartão de pésames aos familiares e a todos quantos choraram a morte do jovem sacerdote consola-os com a PROMESSA DA IMORTALIDADE.

Dia 9 — Cesaltina Pires de trinta e um anos de idade, filha de Marinho Pires, residente em Estrada.

Ano Escolar 77-78

O Calendário para o ano Escolar de 1977/78 por despacho dos Secretários de Estado da Orientação Pedagógica e da Administração e Equipamento Escolar foi de-

terminado do seguinte modo:

- 1.º — Início das aulas — 1 de Outubro de 1977
- 2.º — Fim do 1.º período — 20 de Dezembro de 1977
- 3.º — Primeira avaliação — 21, 22 e 23 de Dezembro de 1977
- 4.º — Início do 2.º período — 3 de Janeiro de 1978
- 5.º — Férias do Carnaval — 4 a 8 de Fevereiro de 1978
- 6.º — Fim do 2.º período — 18 de Março de 1978
- 7.º — Segunda avaliação — 20, 21 e 22 de Março de 1978
- 8.º — Início do 3.º período — 3 de Abril de 1978
- 9.º — Fim do 3.º período — 30 de Junho de 1978.

O Chefe da Repartição de Finanças

Avisa que as correcções dos rendimentos colectáveis das matrizes prediais urbanas deste concelho efectuadas nos termos do n.º 5 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 375/74, de 20 de Agosto se encontram em reclamação de 1 a 30 de Julho.

Os Serviços Municipalizados dão conhecimento:

Por motivo de férias do pessoal, não se efectuarão leituras e cobranças de água e electricidade, em todo o concelho, de 12 de Julho a 10 de Agosto próximos.

Os consumos referentes àquele período serão processados conjuntamente com os do mês seguinte.

Espera-se a melhor compreensão de todos os consumidores, para estas medidas, idênticas às já tomadas pela maioria dos Serviços Municipalizados.

Baptizados

Em Julho

Dia 3 — Ana Paula Corte Real Meira, nascida em 5 de Junho de 1976. Filha de Mário Alves Meira e de Marieta Torrinhos Corte Real, residentes em Vila Cova, Barcelos. Foram padrinhos: Rui Fernando Torrinhos da Cruz, de 18 anos e Maria de Fátima

Torrinhas da Cruz, de 22 anos e residentes em Coimbra.

Dia 3 — Vitor Manuel de Almeida Arezes, nascido a 2 de Junho de 1977. Filho de Augusto da Costa Arezes e de Mabilia Rodrigues de Almeida, residentes no lugar do Monte. Foram padrinhos: Manuel da Costa Arezes, de 27 anos e Olívia Rodrigues de Almeida Arezes, de 31 anos.

Casamentos

Uniram os seus destinos pelos laços do Matrimónio:

Maio

Dia 28 — Manuel António Maria Laranjeira de 22 anos de idade, filho de Domingos

Pires Laranjeira e de Rosa Ferreira Maia com Maria Olímpia de Freitas Meira de 22 anos de idade, filha de José Rodrigues Meira e de Maria Adelaide Martins de Freitas, ambos residentes em Guilheta.

Confraria do Santíssimo

A Mesa Administrativa da Confraria do Santíssimo Sacramento dá a conhecer a eleição dos irmãos eleitos para os respectivos cargos por um período de tempo determinado pelos Estatutos:

Direcção-Efectivos:
Manuel Alves Laranjeira

António Rodrigues Meira
Viana
José Alves da Cruz
Vogais:
Manuel António Laranjeira
Amaro
Manuel da Costa Azevedo
António Meira da Cruz Sa-
leiro

A Educação começa na Infância

(Conclusão da 1.ª pag.)

de repetições que não se converterem em hábitos de conduta. 3.º) Está provado que se aprende com mais facilidade aquilo que causa satisfação do que aquilo que provoca desgosto. Tratar, pois, de ensinar os hábitos à criança não à base de castigos, mas de recompensas.

Os pais devem fazer-se amigos do seu filho. Brincar e passear com ele, interessar-se pelos seus assuntos, participar das suas alegrias, simpatizar com os seus pontos de vista.

Ainda que pareça paradoxal, existem pais que não conhecem os seus filhos. Acreditam, talvez, ter um filho teimoso, descuidado e desordeiro, quando na realidade têm um que é dócil e carinhoso por natureza.

Estas incompreensões vêm da falta de mais camaradagem. Os pais que acreditam não dispõem de tempo para brincar com os seus filhos, para identificar-se com eles, recordem que não há amigo mais leal que uma criança quando sabe que é compreendida que qualquer esforço que se faça para se acercar da criança tornará muito mais fácil o adestramento e a formação de bons «hábitos» além de contribuir para a maior felicidade de toda a família. Esta necessidade de intimidade é tanto maior quanto mais desordeira e excêntrica é a criança.

Quando uma criança chora, desobedece ou se entrega a manhas com demasiada frequência, não chegue logo à conclusão de que é um «malcriado» e que precisa de correições. Procure a causa de tais arrebatamentos no meio ambiente e sobretudo nas pessoas que a rodeiam.

Brinca a criança o suficiente com outros da sua mesma idade, ou fica semi-encarcerada em casa, sem expansão nem exercício?

Recordemos que toda a criança leva dentro de si um mundo de energia a que deseja dar expressão: energia física e mental. Curiosidade imensa, desejos insuspeitáveis de correr, mover-se, saltar, gritar, imitar, ter experiências e dramatizá-las, viver a vida intensa do animal, do caçador, do índio, do polícia, etc. Tudo isto que boia com a sua pequena mente, tem que sair e se expressar de algum modo. E o modo natural é o brinquedo. Mas quando a criança fica encarcerada ou isolada, procura excitação na desobediência, na zanga, no conflito com todos os que vivem em seu redor.

Quando uma criança, brincando muito, ainda desobedece e arma brigas, convém indagar se as pessoas maiores da casa não estão contribuindo para isso. Tudo o que é excitante agrada ao garoto. Se a desobediência traz excitação, provoca-a; e se esta excitação o converte

no centro de atracção da casa, então tem todos os requisitos de um grande brinquedo, e deleita-o. E assim como para a criança não importa o dar-se 2 ou 3 golpes fortes

num brinquedo animado, tão-pouco lhe importará que o reprimam ou o peguem, sempre que isto traga excitação ou aventura.

Gorett e Leontina

Declaração dos direitos da Criança

1.º — A criança deve gozar de protecção especial e ter oportunidades e facilidades para desenvolver-se de maneira sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade.

2.º — A criança tem o direito, desde que nasce, a um nome e a uma nacionalidade.

3.º — A criança deve beneficiar da segurança social.

A criança tem direito à alimentação adequada, a alojamento, a distrações e cuidados médicos.

4.º — A criança física e mentalmente diminuída, ou socialmente desfavorecida deve receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que o seu estado ou situação exigem.

5.º — A criança tem necessidade de amor e compreensão para o desabrochar harmonioso da sua personalidade. A sociedade e os poderes públicos têm o dever de tomar um cuidado especial em relação às crianças sem família, ou às crianças que não têm meios de subsistência suficientes. É desejável que sejam facultadas às famílias numerosas alojamentos do Estado ou outros, para o cuidado das crianças.

6.º — A criança tem direito a uma educação que deve ser gratuita e obrigatória pelo menos ao nível elementar.

Deve beneficiar de uma educação que contribua para a sua cultura e lhe permita, em condições de igualdade de classes, desenvolver as suas faculdades, opiniões pessoais, sentido das responsabilidades morais e sociais e de se tornar um membro útil à sociedade.

7.º — A criança deve ser protegida de todas as formas de negligência, crueldade ou exploração. A criança não deve trabalhar antes de ter atingido a idade mínima apropriada; não deve em nenhum caso ser constrangida ou autorizada a aceitar uma ocupação ou emprego que prejudique a sua saúde ou a sua educação e entrave o seu desenvolvimento físico, mental e moral.

A criança deve ser protegida contra as práticas que possam levar à discriminação racial, à discriminação religiosa ou a qualquer outra forma de discriminação.

Deve ser educada num es-

pírito de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal, e no sentimento que lhe é próprio de consagrar a sua energia e o seu talento ao serviço dos seus semelhantes.

Estes direitos devem ser reconhecidos a todas as crianças sem nenhuma excepção e sem distinção ou discriminação fundadas na raça, cor, sexo, língua, religião, opiniões políticas ou outras, origem nacional ou social, fortuna, nascimento, ou sobre qualquer outra situação.

Um feixe de notícias

— A energia eléctrica foi reforçada. A população vê, deste modo, realizado um dos seus anseios.

...

— O concerto na estrada Forjães-Guilheta, prossegue, de um modo lento por motivos de a estrada se encontrar muito danificada e não só...

...

— A Central Telefónica de Antas foi beneficiada com a ligação de novos cabos.

...

— A margem do rio Neiva poderia ser mais bela e atraente se os proprietários das terras confinantes ao rio depositassem um pouco mais de cuidado na limpeza das margens e queima dos silvados.

...

— A saúde pública correu o risco de ser contaminada pela grande quantidade de peixe podre, despejada no mato da Reguenga. Alertamos os autores deste atentado e esperamos que reconsiderem os malefícios que estas imprudências poderão acarretar.

...

— No passado dia 25 de Junho, no Campo de futebol Corrêa d'Oliveira, realizou-se um torneio de tiro aos prantos.

CONTO

(Continuação da 2.ª pag.)

— Grandes ladras, se vos torno a encontrar, racho-vos que vos digo eu.

— Pelos seus defuntinhos... tio Henriques.

Que se deixassem de ladainhas. Nem defuntos nem penados. Outra vez que as encontrasse, seria ali a guerra civil de Espanha. Matava-as.

Mas já elas iam longe que bem ouviram dar o meio-dia novo na fábrica de S. Romão.

...

Foi desde aquele reumatismo que se lhe colou à pele como musgo à fraga um inverno inteiro, a moer-lhe a paciência e a zombar daquela fome de bouças que o não deixava parar ao borralho, que o Quim começou a acompanhar o pai nessa ronda dos pinhais. O Quim. Catorze, quinze anos quando muito. Uma varita adolescente de marmeleiro na mão e o casaquito aos ombros como os homens à vinda do trabalho. E aqueles olhotos a entrarem por meio dos pinheiros, com duas rugas em arco na testa! O pai em letra minúscula. Rebuscava aqueles montedos até à espinha, enquanto o Henriques gozando já dos rendimentos a que a ajuda do filho lhe dava direito, só por caminhos mais calcados.

— De quem é este gado?

— É nosso, Quim.

— Cuidadinho com ele.

— É «cuidadinho que cada pinheiro novo, uma trela à catraçada. Que jogasse com eles uma partida. Ficaria a guarda-redes da equipa do João. Pois sim. Já não era para essas brincadeiras. Ainda tinha os montes todos de Vila Chã a bater.

— Então o teu pai?

— O meu pai? Coitado do velhote.

— É «cuidadinho que cada pinheiro novo uma multa de vinte para cima», casaquito ao ombra, pau na mão, ala que a vida dele não era aquela.

Lá adiante, no caminho dos carros, estava o pai. A arengar. Que nem a ponta de uma unha. Que ou ela e a filha deixavam ficar ali a caruma toda ou iriam para o sítio. (O sítio sem mais complementos, em Vila Chã, era a cadeia).

— Tio Henriques, pelos seus defuntinhos...

Era a tia Ernestina e a filha, a Candita.

Guardassem as lérias para o caldo. Leis são leis e ele estava cheio de abusos até às orelhas, até aos olhos, até ao forro do chapéu. Todas os dias a mesma história. Fazem da gente um espantalho de pardais é o que é. Um espantalho, que não era outra coisa.

— Tio Henriques...

— Nem pio.

A Candita chorava.

— Por esta vez... Tinham vindo de tão longe. Eram só umas agulhitas...

— Ninguém as mandou vir. Ala.

E as duas desceram o monte em silêncio, com a corda a arrastar pelo chão, pouco conformada, a agarrar-se aqui e ali.

E o Henriques foi explicando ao filho que era preciso disciplina. Nada de palavras doces que às tantas até na cara lhes... Oh oh conhecia-lhes as manhas até ao forro da pele. Mas a ele não o comiam.

...

— Candita, ó Candita.

A rapariga pousou o cântaro que bem ouviu chamar por ela.

— Olha, diz à tua mãe que vá buscar a caruma até amanhã ao meio-dia que nós começamos a ronda por Belinho e só Belinho são bouças para uma manhã e o pai não chega a saber.

E a rapariga nem tempo teve de se refazer do susto, que o Quim já ia para lá da cancela.

A Candita. Corada e rija como as cerejas quando pegam a amadurecer. Vivia sôzinha com a mãe desde que o pai morreu no desastre da pedreira. Sem leiras nem bouças. O pai era tudo na casa e desde então, mãe e filha não tinham um momento de descanso e mal ganhavam para a boca. Mesmo assim, alegre e arrebitada que era um céu aberto. Foi a sonhar naqueles olhos vivos e sem parança por onde passavam as cantigas de terreiro que lhe conhecia da festa do S. Lourenço, que o Quim adormeceu.

Por alturas da feira de Agosto, deram em andar por cima da aldeia umas nuvens que logo se via dos seus propósitos de não se irem sem dizerem água vai. E é que disseram mesmo que não tardaram em cair sobre os milheirais sem registo nem medida.

(Continua na 8.ª pag.)

JUVENTUDE e DIDA

Já descobri!...
 É que viver não é o vão preencher do dia a dia
 Viver é crer em alguma coisa!
 É acreditar
 É ter esperança em que o amanhã será melhor
 Viver é nunca desesperar
 É cada dia renascer
 É cada dia crescer
 É cada dia ser melhor
 É a cada momento sorrir!
 Viver é gastar a vida por uma causa
 É estar acordado para a realidade presente
 É ser homem, simplesmente!
 Viver é nunca descansar enquanto no mundo houver injustiça
 É lutar por um ideal
 É nunca nos darmos por vencidos
 É cada dia ser diferente!
 Viver é dar-mo-nos generosamente ao mundo
 Viver, viver é lutar.

L.

O Céu e a Terra

I

O Céu é todo o encanto,
 O Céu é a Pátria querida;
 Para aquele que no mundo
 Passa em graça toda a vida
 E para a alma pecadora,
 Quando morre arrependida.

II

A Terra é vale de lágrimas;
 Para a triste sorte minha;
 Assim digo dia a dia
 Rezando a Salvé-Rainha
 Valei-me por caridade
 Boa Senhora e Mãe minha.

Poeta às três pancadas

Homenagem à «Voz de Antas»

I

Teu ofício é ensinar,
 Com amor e perfeição;
 Ensinas todas as gentes
 Espalhadas pela Nação.
 Nestas folhas de papel
 Compostas com perfeição
 Transportas o pão das almas,
 Não há mais nobre missão.

Bendita sejas Voz de Antas,
 E a tua alta Beleza
 Bendita seja para sempre
 Teu ideal de nobreza.
 Bendito seja o futuro
 Com tantas belezas, tantas:
 Em que trazes envolvida
 A juventude de Antas.

Fazes luz no meio das trevas
 A todas vens dar guarida,
 És nossa consolação
 Nas amarguras da vida.
 Tua luz é como a do sol,
 Com seu brilhante fulgor
 Dás a todos que te lêem
 Alegria, paz e Amor.

Tentei fazer um poema
 Cheio de místico encanto,
 Mas não sei como fazê-lo
 Sob quem nos ama tanto.
 E em pensar, só consigo
 Ver tanta beleza tanta,
 Que todos digam comigo
 Bendita sejas Voz de Antas.

II

Voz de Antas, é nossa voz,
 É coisa que bem se sabe;
 Que a todos vai visitar
 Desde o Minho ao Algarve.

Desde o Minho ao Algarve
 É onde chega primeiro,
 Mas também visitar a todos
 Que andam pelo estrangeiro.

Tem a missão de ensinar,
 Com amor e com carinho,
 Entra na casa do rico
 Mas não esquece o pobrezinho

A todos dá bons conselhos
 Disso tenho a certeza,
 É o melhor conselheiro
 Nesta terra portuguesa.

Tem a missão de ensinar
 E a todos vem dar guarida
 És a nossa consolação
 Nas amarguras da vida.

Tua missão é ensinar,
 E que grande amor nos encerra,
 Levas a todas as gentes
 Notícias da nossa terra.

Não posso deixar de dizer
 Que é a melhor entre tantas,
 Que todos digam comigo
 Bemvinda sejas Voz de Antas.

Voz de Antas quero saudar,
 E ao simpático Director:
 Mais nada sei dizer
 Muito obrigado Senhor Reitor.

Poeta às três pancadas

...

Briosa JAEOCA

Muito reconhecidos agradecemos todas as vossas atenções. Recordamos com admiração o vosso desejo de aprender, sem olhar a sacrifícios. É um comportamento exemplar a citar na ânsia de transmitir algo que foi vivido e merece ser seguido. Sacudidos pelas injustiças, obrigados a abandonar nossa terra que nos ensinou a amar, de coração aberto, a vossa bondosa convivência transmitiu-nos a crença de que a Juventude continua animada por sentimentos generosos, resistindo heroicamente às depravações a que a querem conduzir, no intuito de destruir a beleza espiritual, sem a qual a vida será uma total frustração.

Que Deus vos conduza sempre para o caminho do bem e vos proteja são os afectuosos votos do vosso amigo grato.

(nome ilegível)

Semeia

SEMEIA a tua fé para sustentar e apoiar os que vacilam;
 SEMEIA a tua abnegação. Não te reserves todo inteiro para ti.
 SEMEIA a tua confiança. O Senhor está contigo.
 SEMEIA o teu sorriso. Faz o bem.
 SEMEIA a tua doçura e conquistarás as almas.
 SEMEIA a tua simpatia, fruto da bondade e da benevolência.
 SEMEIA inclusivamente com lágrimas para que recolham com alegria.
 SEMEIA a tua amizade nos que precisam dela.
 SEMEIA o teu gozo, tornando felizes os outros.
 SEMEIA o teu entusiasmo sem cansaços prematuros.
 SEMEIA e saboreia a sós contigo os teus sacrifícios.
 SEMEIA a tua vida, gastando-a ao serviço do próximo, cumprindo o teu dever no lugar onde Deus te colocou. E eleva todas as almas que se aproximarem de ti.

Irradiantes e Felizes!...

Movimentámos o desporto do pedal

Foi no dia 12 de Junho p. p. Uma semana antes de findar as aulas e começarem os exames. Mais de uma centena de jingas serpentearam a estrada de Azevedo e Pereira, rumo à Celnorte, Ponte de Lima, Lanheses (Gimnodesportivo e Estádio 15 de Agosto), Vila Mou, Viana do Castelo, Anha, Castelo do Neiva, Belinho (freguesia) e despedida no largo da Capela de N. S.ª dos Remédios. Apesar de fustigados pela chuva miudinha mas teimosa, foi na verdade um sonho realizado.



Foram 100 Km. percorridos num ambiente de alegria, solidariedade e entusiasmo juvenil — um passo importante dentro do Movimento Associativo (JAEOCA).

Relembrou-se os velhos tempos!... O tempo dos nossos pais e avós quando não dispunham de outro meio de transporte!

Sentimo-nos mais jovens. Formulamos um novo trajeto e convívio de jovens (agrários, estudantis e operários):

tarde do último domingo de Setembro (dia 26), uma semana antes das aulas e actividades da JAEOCA, rumo a Ofir, em bicicleta e... renovação da nossa Amizade a Cristo no Encontro Eucarístico (capela de N. S.ª dos Remédios — Esposende).

Irradiantes e felizes!... continuaremos.

Benedito Meira

Gazetilha Desportiva

Do campo de futebol Corréa d'Oliveira, damos a conhecer os resultados da movimentação desportiva da Juventude Católica de Antas:

1.º — Ofir, 3 — JAEOCA, 3
 Marcadores: Vieira, Carlos e Mária Barros;

2.º — G. D. Ceralecence, 2 — JAEOCA, 2
 Marcadores: Carlos e Vieira;

3.º — JAEOCA, 4 — Ofir, 2
 Marcadores: Baeta, Carlos, Fernando e Vieira;

4.º — F. C. Gemeses, 0 — JAEOCA, 2
 Marcadores: Carlos e Vieira;

5.º — Sabaris F. C., 2 — JAEOCA, 4
 Marcadores: Tone, Vieira, Pires e Laranjeira;

A Juventude agrária, estudantil, operária católica de

Associação dos Pais

Reuniu em Assembleia geral, efectuada no dia 4 de Junho p. p. às 15,30 horas, na Escola Preparatória de Esposende, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — Análise das CONCLUSÕES do 2.º ENCONTRO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE PAIS;
- 2 — Despesas supérfluas dos alunos na Escola
- 3 — Exposição de problemas e disciplina nas camionetes e dentro da Escola;
- 4 — Conhecimento das faltas dadas pelos alunos às aulas;
- 5 — Interesses gerais da Associação.

Antas — Sector de Educação Física e Desporto, dispõe, para já, de três grupos — A, B e C.

Elementos para uma história

A Capela de S.ta Tecla

É a mais antiga de toda a redondeza. Consta nas inquirições de D Afonso II, de 1220, que metade desta capela era pertença do Rei, bem como metade da Vila de Antas e Azevedo e ainda o Castelo situado ao cimo do monte do mesmo nome, a quem o povo pagava foros, e, ali se executava a justiça da terra, a qual depois foi transferida para Barcelos.

Ignora-se a data da sua fundação. Presume-se ser reduzida apenas às dimensões que hoje tem a capela-mor visto que numa versão corrente o corpo da capela seria feito pela família Monte Verde, do Castelo do Neiva. Esta ampliação da capela coincide com a data do cruzeiro em 1664. A mencionada família ofereceu um Gião de prata, o qual, mais tarde, foi vendido para custear as despesas da sacristia, que teria sido feita em 1898.

No tempo de Veraneio e da caça às rolas vários sacerdotes davam-lhe vida, celebrando missa: abade do Couto (Capareiros) de Viana do Castelo, abade de Tregosa, de Barcelos e o Rev. p.e Rodrigo de Alvarães de Viana do Castelo.

(Continua no próximo número)

Clubes Agrícolas - Os Clubes dos 4 H

II-Bases e estrutura dos Clubes 4 H

A estrutura básica destes Clubes assenta, no caso dos Estados Unidos da América, na organização estatal, localizando-se no Departamento da Agricultura, a cargo do sector especializado e responsável, intitulado «Serviço de Extensão Agrícola».

Este Serviço, lá, como cá, tem por missão assistir à população rural, procurando radicá-la ao ambiente, através da divulgação e do ensino, essencialmente prático, de tudo quanto seja necessário para elevar o padrão de vida e do próprio habitat rural a um nível máximo de conforto e bem estar. A sua acção exerce-se através de Agentes Federais, em íntima ligação com o campo e o próprio lar.

Exercendo esta missão, este Serviço de Extensão supervisiona milhares de clubes rurais, cujo programa visa difundir entre os jovens de ambos os sexos, o gosto pelo trato da terra, o amor ao torrão pátrio, indo até ao interesse pelos afazeres domésticos. Por outras palavras, são conduzidos, por meio duma vida familiar, a serem uns bons

cidadãos, amantes do solo pátrio.

No plano regional, os clubes agrícolas são supervisionados pela entidade municipal, a qual, por sua vez, obedece à orientação da organização estadual, directamente ligada ao órgão central.

Já, no plano local, encontra o apoio nas escolas públicas e até particulares (colégios) e recebem auxílio dos funcionários estaduais inseridos na região, quer dependam directamente das autoridades estaduais (Serviço de Extensão Agrícola), quer das municipais.

Neles colaboram também religiosos, professores e outros profissionais de ambos os sexos, bem como fazendeiros, criadores ou proprietários de reconhecida idoneidade, os quais podem desempenhar papel de relêvo no organização e no funcionamento dos clubes, tornando-se, assim, patrocinadores ou «leaders» dos movimentos em prol dos mesmos, contribuindo valiosamente para o incremento da organização, sempre com vista ao progresso rural futuro.

Em 1948 (as mais recentes estatísticas que conhecemos), existiam 80.286 Clubes 4 H

por toda a América, somando 1.759.911 associados. Até esta data estes Clubes orgulhavam-se de terem treinado já 14 milhões de jovens nas modernas práticas agrícolas, economia doméstica, manejo de máquinas, trato de animais domésticos e outros afazeres do mais elevado interesse no alevantamento do nível social e económico das populações rurais.

A preparação dos Agentes Federais chega a ter profunda acção nas Universidades, atingindo, no polo oposto, os próprios cidadãos regionais. Naquele ano, a América dispunha de 6.534 Agentes regionais (country agents), distribuídos por todos os Estados. A prestarem colaboração a estes Agentes Federais, existiam, na época, 203.211 Agentes voluntários (homens e mulheres das mais diversas habilitações e misteres), encarregados de orientar localmente aqueles Clubes nos diversos sectores da sua especialidade.

Usualmente, um Clube 4 H possui o seu Chefe (Leader) «que reside no próprio local», uma direcção composta do Presidente, Vice-presidente,

(Conclui na 10.ª pág.)

Testemunho de uma leitora

Colégio Missionário de S. José de Clumy
Braga, 23-5-1977

Senhor Reitor:

É com grande satisfação que venho agradecer a gentileza enviando-me o querido Jornal «Voz de Antas». Nunca me senti tão perto como desde a sua recepção e leitura. Já vão 50 anos, após a minha saída e embora nunca esquecesse a terra que chamamos «Nossa», certo é que me sinto muito perto.

Como é encantador, ver esta família que é a nossa Paróquia, tão unida ao seu Pároco! Peço a Deus que lhe conserve sempre esse entusiasmo em espalhar o Evangelho e o Bem.

Agradeço e saúdo a todos os que trabalham em tão boa obra.

Senhor Reitor, também quero dizer que foi entregue de carta circular de Maio, enviada em nome da Juventude; espero puder dar resposta; não por mim que nada tenho. Mas por meio da minha Superiora que é muito generosa.

Aproveito também a ocasião para agradecer ao benfeitor que por mim pagou a assinatura do querido Jornal. Ainda não consegui saber quem foi apesar de já ter perguntado. Sim «o meu muito

obrigado», e outro lhe pagará. Esse outro será Deus, e, que nada deixa sem recompensa. Aqui fica o meu reconhecimento a todos por tanto bem.

Senhor Reitor, o artigo do Jornal de Maio, sobre o Senhor aos Enfermos, encheu-me de alegria. Era a minha festa predilecta, da qual ainda conservo saudades. Repito como aquela doente: «Oxalá nunca acabe». O Senhor certamente terá aceitado esses grandes sacrifícios feitos por todos nesse dia.

Outro gesto tão simpático e digno de louvor é o dessas jovens capazes de oferecerem o seu trabalho na limpeza do Salão Paroquial. Chega a ser quase inacreditável mas real. A nossa juventude é muito generosa! Abençoada terra que dá tão bons frutos. Alimento a esperança de ver reatado o fio - infelizmente quebrado - conduzindo algumas dessas almas tão cheias de valor, a seguir o chamamento de Cristo!

Peço a Nossa Senhora das Vitórias bênção e auxílio para todos, ausentes e presentes.

Com os meus respeitosos cumprimentos renovando as minhas felicitações subscrevo-me.

Ir. Maria H. dos Anjos Costa



Grandiosas Festividades

em Honra de S.ª Tecla, S.ª Luzia e S.ª Bárbara

Programa - Convite:

Dia 2 de Setembro:

Ao romper da aurora uma salva de 21 tiros anunciará o início das festas.

As 11 horas — será instalada a cabine sonora, da casa Morgado de Forjães, e durante a tarde transmitirá música gravada.

Dia 3 de Setembro:

As 7 horas — Missa rezada na Igreja Paroquial e confissões durante a manhã.

As 16 horas — Cerimónias religiosas com sermão em honra de S.ta Luzia.

As 20 horas — Actuarão vários conjuntos.

À noite — No rio Neiva será queimada uma grandiosa sessão de fogo aquático e fogo de artifício com luminosas cores.

Dia 4 de Setembro:

As 7,30 horas — Na igreja paroquial haverá missa rezada e comunhão geral.

As 8,30 horas — Uma grande quantidade de fogo de artifício anunciará a entrada de duas Bandas de música: Banda Visconde Sabreu e Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares.

As 10 horas — Missa Solene em que actuará o Grupo Coral da Paróquia.

As 16 horas — Sermão em honra de Santa Tecla e imponente Procissão.

Concerto pelas Bandas de Música até ao pôr do sol.

A Comissão:

António Meira Viana
Eduardo Pedreira Rodrigues
José do Cruzeiro

Ecos do Emigrante!...

Belleville, 5-6-77

... Ao bom povo de Antas que está a ser tão bem conduzido, efusivas saudações. Confio nos muitos anos que o senhor Reitor esteja à frente dos destinos da nossa terra, pois vejo que se interessa com alma e coração pelos Emigrantes. Nós que o digamos do seu trabalho e iniciativa de ressurgir a Voz de Antas. Felicidades.

Augusto Cancela

Teheran:

Sr. Reitor agradeço a benévola «Voz de Antas» junto de mim pois encontro-me num país onde infelizmente não existe letra europeia pois não tendo qualquer meio de não-*apenas o prazer e a alegria de bem receber a «Voz de Antas» com notícias da Pátria querida o qual serve de meu desporto nas horas vagas:*

Ao dispor, António Cunha

Barilhet, 26-6-1977

Ao Sr. Reitor e à restante Direcção da Jaeoca.

Em resposta da carta escrita em 1 de Maio devo comunicar à Direcção da Jaeoca que de momento não me inscrevo como sócio em virtude, de já ter três sócios na minha família e estarem todos a meu cargo mas, no entanto não deixo de ajudar a Jaeoca ou qualquer outra obra referente à Igreja conforme as minhas posses; envio-lhe por meio desta carta registada para ajuda do mibilário da Jaeoca 100 Francos.

Os meus cumprimentos à Direcção e a todos os sócios. Subscrovo-me, Aurélio Neiva

— Encontramos internado na clínica de l'Archette, Manuel Augusto Saleiro Sampaio de 13 anos de idade, que foi submetido a uma intervenção cirúrgica na anca esquerda.

Também encontramos um recém-nascido, no hospital de Orleans, filho de Manuel Fernando Viana Sampaio e Maria Amélia Coelho da Cunha, residentes em Jargeau.

«Voz de Antas» felicitou os pais e formulou um voto de um futuro alegre e sorridente p'ró bebé.

A fim de satisfazer o pedi-

do de alguns filhos de Emigrantes, com dificuldade na leitura de Português, proporcionamo-lhes a leitura amena do tema, em Francês:

AGRESSIONS ET AGRESIVITE

Je suis, à la TV et à la radio, les événements concernant les immigrés. Je constate avec terreur les réactions de l'opinion d'ici devant ces événements et les mesures prises par le Ministère de l'Intérieur.

Voici mon avis sur la question, à partir des données qui m'arrivent par les mass média réduits d'un petit village comtois:

1° C'est un fait déplorable à coup sûr que les agressions se multiplient. C'est aussi le devoir de la police de les empêcher et de les sanctionner. Je tiens à affirmer cela comme préalable, MAIS...

2° ...Ces agressions sont surtout, nous dit-on, le fait de JEUNES, voire même d'adolescents, tant français qu'immigrés. Je souhaite donc que les informateurs nous disent l'AGE des agresseurs. S'il s'avère que ce sont des JEUNES et à plus forte raison des ADOLESCENTS, je voudrais qu'on se demande POURQUOI ils agissent ainsi. Mauvaise éducation, dirait-on. D'accord; mais là encore, demandons - nous POURQUOI? Quelles conditions de logement pour les parents, pour les enfants? Quelles conditions de scolarisation? Chômage? POURQUOI A quoi les a-t-on préparés? Quelles possibilités d'avenir leur a-t-on offertes? Dans quel désespoir et dans quel désœuvrement vivent-ils?

3° Et si une enquête sérieuse sur l'âge des agresseurs révélait que ces jeunes étrangers étaient nés en France? Ou qu'ils sont venus chez nous dès leur prime enfance? Dès lors, pourquoi les expulser comme «étrangers»? Et dans les pays où ils sont devenus d'authentiques étrangers, courant là-bas, dans certains cas, les pires risques de nouvelles sanctions et d'incapacité totale d'adaptation. Si la situation était telle, on aurait le devoir de demander des comptes, au nom des Droits de l'Homme et de l'Evangile, face à cette «ségrégation» de fait.

4° Si, dans tout jugement de délit, on invoque habituellement des causes excusantes,

ne devraient-elle pas jouer en la circonstance? Belle occasion de répartir les responsabilités personnelles et collectives. C'est plus facile de désigner des boucs émissaires. Qui osera parler de manque d'accueil, de la ségrégation de fait dans le domaine du logement, de l'emploi et des salaires?

5° J'ai entendu la déclaration récente de M. Dijoud: le projet de réintégrer les familles immigrées en France. C'est très bien, et nous le réclamons depuis longtemps. Pourtant, je me suis posé parallèlement certaines questions:

* C'est un fait que les familles immigrées chez nous constituent une main-d'oeuvre plus stable et plus docile que les célibataires. Elles sont aussi nécessairement plus calmes, se sentant plus vulnérables à travers plusieurs personnes.

* Ce droit légitime et normal, même si tardif, ne pourrait-il pas s'accompagner d'une menace sérieuse et sournoise pour les immigrés célibataires, plus instables et plus turbulents? Engageant surtout eux-mêmes, ils sont prêts à plus de risques pour leurs droits.

Ces remarques demanderaient une analyse plus complète. Mais il s'agit de ma part non d'une contestation systématique, mais purement et simplement du constat d'une situation, de l'affirmation des droits fondamentaux des travailleurs immigrés ainsi que d'une mise en garde spontanée contre certaines menaces et risques graves possibles.

Souhaitons que les agressions regrettables ne soient pas prétexte facile à l'agressivité provoquée dans l'opinion contre les immigrés.

Marie-Jean MOSSAND

A todos, Ausentes e Emigrantes saudamos e deixamos o convite, aos que venham até nós, passar férias, para o GRANDE ENCONTRO-CONVIVIO, a realizar no dia 13 de Agosto, às 21 horas.

— Informamos, por falta de espaço, não nos foi possível publicar o artigo: «Testemunhas de Jeová» que irá ilucidar aqueles «pobres»

Emigrantes que se deixaram fanatizar por tal doutrina e... coitados, são Testemunhas de Jeová...

— Ao pensar no regresso ao seio de vossas famílias e da vossa terra natal, estamos tentados a entregar esta anedota no percurso da longa viagem:

Corre até por aí uma anedota que retrata ao vivo a actual situação do país.

— Qual é a diferença entre o trabalhador russo, inglês e português?

— Hum!...

— O russo levanta-se às 5 da manhã, toma vodca e vai para o trabalho. O inglês levanta-se às 9 horas, toma whisky e vai para o trabalho.

— E o português?

— Levanta-se às 11, faz xixi, vai a correr à Caixa para fazer análises e pede baixa...

É ou não é isto o que se passa de norte a sul do país?

Se se passa, por que esperam para actuar?

Temas e Problemas

A Escola de Azevedo em foco!

A escola de Azevedo luta desde há anos com dois problemas fundamentais: água e luz.

Já depois do 25 de Abril muito se tem tentado para conseguir estas duas condições essenciais, embora quase nada se tenha conseguido.

Falando da luz, devemos informar que há uma lâmpada em cada uma das salas, colocadas à pressa na altura das eleições, para os partidos políticos fazerem os seus comícios, note-se, não para a escola. Portanto essas lâmpadas são insuficientes para trabalhar, apenas foram colocadas para as pessoas não estarem às escuras.

Por várias vezes oficiamos à Câmara e depois de vermos que nada se conseguia os professores deslocaram-se para falar pessoalmente e pôr o problema fazendo notar aos responsáveis os prejuízos que a falta de luz acarreta proble-

mas de visão nas crianças; não cumprimento do horário escolar no Inverno, etc.

Promessas e mais promessas e... nada.

Há dias estivemos com um encarregado dos Serviços Municipalizados e a promessa foi a mesma: «Dentro de dias, a luz vem».

No entanto por este caminho nada nos fará admirar que chegará Outubro, e com ele novo Inverno e a escola sem luz e consequentemente novamente prejudicadas as crianças outro ano.

Outro dia esteve cá um Senhor com um filme cultural para exibir às crianças. Teve que desistir da ideia por falta da energia.

Temos material concretizador eléctrico mas não se pode utilizar.

Os alunos não beneficiam do Suplemento alimentar (lei-

(Conclui na 9.ª pág.)



Se todos os jovens se dessem as mãos à roda do mundo...

CONTO

(Continuação da 4.ª pag.)

«Bençãos de Deus» — dizia-se nas tabernas. Quem não era da mesma opinião era o reumatismo do tio Henriques que as folias do verão haviam arrumado para lugar de segundo plano. E vá o reumático de esfregar as mãos e de dizer sim senhores que ainda era alguém e que ainda era homem para levar um valente como o tio Henriques para o vale de lençóis. Coisa de dias. E em menos de uma semana, o Henriques era outra vez ele, mais perro e ferrugento, mas enfim, homem ainda para as bouças. Para as bouças todas não, que o reumático tinha a sua razão: aqueles montes sem fim, onde cabia um cento de cidades como Braga, eram demais para um justo só, embora dos da tempera do Henriques. Dissera-lho a mulher, todos lho diziam. E acabou por dar a mão à palmatória e fazer a vontade a Vila Chã. Acabou-se. Já que assim queriam, dividiam as bouças. Ele faria a ronda por Belinho, Vila Chã e Castelo e o Quim tomaria a seu cargo as bouças da Costeira.

— E quando te desobedecerem ou faltarem ao respeito, tu calas-te e à noite fazes-me o relatório, ouviste?

O rapaz tinha vontade de rir daqueles medos do pai. Faltarem-lhe ao respeito a ele? Boa! Nem que ele fosse uma criança.

E ao nascer do sol:

— Até à noite, pai.

— Vai com Deus e olho fino.

— A sua benção.

E era um para cada lado que as últimas bouças tanto ao norte como ao sul ficavam no fim do mundo.

— Candita.

— Olá, Quim.

E pôs-se vermelha como as camélias de Janeiro.

— Olha, diz à tua mãe que quando quiser ir à caruma é na Costeira que lá guardo eu.

— E teu pai não?

— Não.

— Que bom!

Já o S. Miguel andava nas eiras, quando o Henriques ouviu das que nunca pensava ouvir na sua vida limpa de guarda sem adversativas nem reticências.

— Olhe lá, você anda a guardar cabras ou que anda a fazer?

Era o Sr. Heitor do Matinho que valia por uma vila só em pinheiros e lenha.

O Henriques ia a dizer boa tarde, mas nem a boa levou a cabo, de passado que ficou.

— Quem é que me leva a caruma da bouça da Costeira?

E como o Henriques estava ainda sem fala, o Sr. Heitor tirou as conclusões:

— Anda pelos copos é o que é, e a ladroagem em férias.

E sem esperar pelo troco, o Sr. Heitor deu uma chicotada ao cavalo que em dois pinotes o pôs na estrada de Forjães.

O Henriques é que já nem acabou a ronda. Pegou na vara em todo o cumprimento e deu com ela com quanta força tinha no chão e ali mesmo jurou que repetiria o gesto, ainda que o céu rebentasse, no lombo da desalmada que lhe andasse a sujar os brios e a zombar da inexperiência do filho. Sim, que foi preciso chegar aos cinqüentas e pico, apanhar o reumatismo por duas vezes, ter que distribuir o trabalho pelo filho, para ouvir uma barreira destas. Que era a primeira vez que lhe não gabavam o serviço, que insultavam como um cão. Mas cairia o Carmo e a Trindade que com ele ninguém brincava. Ninguém que o dizia ele, alto e em bom som. Ainda ele ficasse com o reumatismo em ambas as pernas, tolhido como um caracol, se não fizesse o que dizia. Ah ladras que ia ser a guerra civil de Espanha em Vila Chã.

Lá adiante, era a Senhora da Cabeça.

Da Senhora da Cabeça à Costeira era uma jaculatória. Subiu o monte como quem não vai a nada, entrou na bouça do Sr. Heitor e nem mais... pratos limpos. Lá andava a ladra. Vistes? Já ia com o segundo feixe mas ia passar-lhe o vício de uma vez. E logo a Ernestina, aquela deslavada que não aprendera da outra vez.

— Grande ladra, você sabe quem eu sou?

A mulher sentiu que o ancinho lhe caía das mãos.

(Conclui na 10.ª pag.)

JAEOCA - Sector de Culinária recomenda...

Nós, a JAEOCA, sabendo que é em volta da mesa um dos altares do mundo, que se reúnem os bons amigos, que se desfazem os mal-entendidos, que se consertam planos e se resolvem os problemas mais delicados, achamos por bem recomendar através do sector de culinária, o seguinte:

1. Bacalhau dourado

Quantidades para 5 pessoas:

1 kg de bacalhau, 1 kg de batatas, 18 ovos, óleo, azeitonas, ¼ l. de azeite.

Cozem-se as batatas às rodelas não muito finas, em água temperada de sal. Coze-se o bacalhau bem demolido e em seguida, tiram-se-lhe as espinhas, a pele e frita-se às lascas, previamente passadas em ovo bati-

do. Do mesmo modo, fritam-se as batatas.

Põe-se numa travessa dispondo alternadamente camadas de bacalhau e de batatas.

Batem-se muito bem 9 gemas de ovo numa tijela. Tem-se o azeite a ferver e vai-se juntando às gemas, devagarinho e sem deixar de mexer, para que as gemas não prendam.

Com este molho, cobre-se a travessa e enfeita-se com azeitonas pretas.

2. Pudim de laranja

Ingredientes:

2 ovos, meia chávena das de chá de açúcar, sumo e raspa de meia laranja, 1 colher das de sopa de manteiga derretida, 2 colheres das de sopa de farinha de trigo, 1 chávena de leite, um pouco de sal.

Batem-se as claras com duas colheres de açúcar, até ficarem esbranquiçadas, junta-se o sumo, a raspa da laranja e a manteiga derretida.



Batem-se as claras em neve e vai-se juntando o restante açúcar. Junta-se o leite, o sal e a farinha peneirada às gemas já bem batidas. Por último, adicionam-se as claras batidas com o açúcar e mexe-se lentamente.

Deita-se a mistura numa forma de pudim com capacidade para 1 litro, barrada com açúcar queimado. Coze em banho-maria, durante meia hora e seguidamente vai ao forno até lousar por cima, sempre em banho-maria. Para ver se está cozido, mete-se uma faca. Saindo limpa, pode retirar-se. Desenforma-se depois de frio.

3. Rojões à moda do Minho

Ingredientes:

1 kg de carne de porco magra, 1 dc. de vinho branco, 4 colheres das de sopa bem cheias de banha, 3 dentes de alho, colorau, sal, pimenta, azeitonas, batatas, sangue cozido.

Corta-se a carne em bocados, tempera-se com sal, vinho branco, colorau, pimenta e alho picado. Passada 1 hora, põe-se a banha a derreter num tacho e junta-se-lhe os rojões com todos os temperos. Deixam-se fritar e junta-se-lhes depois o sangue cozido e cortado em bocados. À parte, fritam-se batatas cortadas em quadrados e misturam-se aos rojões, pouco antes de servir.

com azeitonas e rodela de limão ou Servem-se em travessa, enfeitados laranja.

INSTANTÂNEO

Opinião livre - Perguntas impertinentes:

— Concede-se que numa Assembleia de Freguesia reunida na escola da Estrada se escreva a letras garrafais: «Quem se manifestar ruidosamente corre o risco de ser expulso da sala?».

— Quais as desvantagens do ofício enviado pela Junta de Freguesia a pedido da Comissão Fabriqueira para a Câmara subsidiar as obras paroquiais em curso — embelezamento do principal recinto público da freguesia?

— E quais os inconvenientes se, porventura, esta colocasse os candeeiros de iluminação pública?

— Efectivamente, seria desnecessário o empolamento a propósito do campo de futebol?

O amigo do Povo

JAEOCA - Sector teatral

No palco — salão recreativo — ouvimos:

Exame de catequese

Padre — (está sentado numa cadeira)

Filho e Pai — (Entram)

Pai — Boa tarde senhor abade

Padre — Boa tarde. Bem, então o sr. quer casar?

Filho — Se Senhor.

Pai — (para o padre) O raio anda-me com a cabeça no ar.

Padre — (para o filho) O seu pai consente?

Filho — Que remédio! Quem casa sou eu.

Pai — O quê?

Padre — Então para isso, vamos fazer o exame de doutrina.

Filho — (Coça a cabeça)

Padre — Então quantos Deus há? (O pai faz sinal com os dedos)

Filho — Um erguido e quatro deitados.

Padre — Valha-me Deus, já vejo que o Sr. é um burro nestas coisas... é um côco quero dizer. Bem, vamos a outra: há quantos anos morreu Nosso Senhor Jesus Cristo?

Filho — Ele morreu?!?

Padre — Morreu.

Filho — Pois eu nem sequer soube que ele tinha estado doente.

Padre — Estou a ver que imos de mal a pior. Vamos mais a outra: Quantas são as pessoas da Santíssima Trindade? (o filho não responde)

Pai — São três, criancinha.

Filho — Ai é verdade, são três criancinhas Senhor Abade.

Padre — Ó meu Deus! O Senhor o que é que quer com essa sabedoria toda?

Filho — Quero casar com a Rosinha, ainda não ouviu?

Padre — Bem, esta vez não faço nada. O senhor está em branco nestas coisas

Filho — Então já posso casar?

Padre — Não. Vamos aos mandamentos.

Filho — Primeiro roubar a filha ao cantoneiro. Segundo livrar-me das almas do outro mundo. Terceiro dos outro fazer pandeiro. Quarto... não sei. Quinto encher o fole de vinho tinto.

Padre — Desapareça-me da vista (vão saindo)

Pai — Vês rapaz o sarilho que isto dá?

Filho — Eu como você casou pensava que tudo casava...

NOSSA SENHORA DA GUIA

Apontamentos

A capela de Nossa Senhora da Guia existe desde tempos antiquíssimos no monte da Guia, freguesia de Belinho, Esposende.

Contam remotas tradições que, no tempo das invasões dos bárbaros e muçulmanos, os cristãos se refugiaram neste monte trazendo consigo uma imagem de Nossa Senhora, que enconderam na cova dum penedo e que se tornou a sua Protectora, Defesa e Guia. O certo é que sempre o povo cristão destas terras lhe dirigiu esta invocação:

Nossa Senhora da Guia
Abençoi a nossa Freguesia

Pode afirmar-se que não há dia nenhum em que os devotos não subam até junto de sua Mãe, a Senhora da Guia, para lhe pedir graças ou agradecer favores recebidos. E Ela a todos concede a sua benção carinhosa.

Uma luz no alto da ermida tem servido de guia e farol para os pescadores. Não é Maria a Estrela do Mar?

Para melhor corresponder à devoção dos fiéis foi inaugurada em 19 de Maio de 1974 a nova capela, já que a antiga era muito rudimentar e estava em ruínas.

Dois anos mais tarde, a 16 de Maio de 1976, foi benzido e inaugurado um alto e esbelto cruzeiro. No ano seguinte, a 15 de Maio de 1977 o Vigário Geral da Arquidiocese benzeu o monumento de granito em honra de Nossa Senhora, com 1,60 m. de altura assente sobre uma coluna de 3,5 m. também de granito, mandado erigir pela fé e devoção dos emigrantes desta freguesia de Belinho. É em verdade o monumento do emigrante a Maria.



A Frequência e o tipo de acidentes que ocorrem no triângulo, desafiam a imaginação dos estudiosos

Há doze mil anos vem sendo buscada uma explicação para os factos paranormais. Nesse período, segundo as lendas o eixo da Terra deslocou-se, provocando uma espantosa série de catástrofes. Um Continente inteiro, o da famosa Atlântida, teria submergido nas profundezas oceânicas, com ele desaparecendo uma das mais adiantadas civilizações do mundo, na qual os espíritos cultos se teriam dedicado ao estudo dessas forças subtis de que recentemente começamos a ocupar-nos: as da parapsicologia. Grande parte da Atlântida, segundo a crença de alguns dos investigadores de hoje, teria ficado sob as águas do Atlântico, entre as Bermudas, a Flórida e as Antilhas, ou seja, na área hoje conhecida como Triângulo da Morte.

As lendas da antiguidade e as especulações dos nossos dias confundem-se num mistério único — a possível existência de uma quarta dimensão, de talvez de uma quinta, fora das leis conhecidas e da lógica humana. O desaparecimento de navios e aviões, segundo tais especulações, poderia ser obra de seres inteligentes, como os fantásticos tripulantes dos não menos fantásticos discos voadores com a diferença de que apareciam não através dos ares; mas de bases submarinas. Tal

hipótese nunca pôde ser comprovada. Mas no fundo abismo azul do Triângulo da Morte, a uma centena de metros de profundidade, Jacques Costeau, o famoso oceanógrafo francês, descobriu grutas com formações de estalactites e de estalagmites, evidentemente produzidas durante milénios, antes do afundamento. Outro dos vestígios mais discutidos é um gigantesco muro existente ao largo do atol de Brimini. Para alguns, trata-se de obra executada por mãos humanas. Mas, para outros, seria uma obra da própria natureza. Esse muro aflora num fundo de areia, a uma profundidade entre 5 e 100 metros. Aparentemente, nada mais fácil do que resolver essa divergência.

— Mas não é assim tão fácil — diz Ambrogio Fogar.

— O parecer dos estudiosos e as nossas impressões ainda suscitam controvérsias. É interessante a confrontação desses pontos de vista.

Vejamos alguns deles, a começar pelo de Mauson Valentine, director do Instituto Oceanográfico de Miami. Ele manifestou a Fogar a opinião de que os navios e aviões desaparecidos no Triângulo da Morte teriam sofrido o efeito de um poderoso campo magnético que teria desenhado uma série de fenómenos paranormais. Charles Berliz, autor do livro de grande vendagem intitulado Bermucas. — O Triângulo Maldito, sustenta a teoria de que seres inteligentes, extraterrenos, capturam homens e máquinas destinadas a seu transporte, com a finalidade de estudar uns e outros.

George Freeland, director do Instituto de Pesquisas Marítimas de Miami, rejeita todas essas delirantes fantasias, embora admita uma turbulência magnética, particularmente acentuada no Triângulo da Morte, mas que existe também em outras partes do mundo.

Quanto à muralha existente nas vizinhanças do atol de Brimini, as opiniões são ainda mais contraditórias e diversificadas. O Professor César Emiliano, estudioso Italiano que dirige o Instituto Geológico de Miami, afirmou ter feito perfurações ao longo da tal muralha, por meio de sondas, dela retirando amostras de minerais que coincidem, em diversas profundidades, a diversos períodos geológicos, disso resultando a certeza de que nada aí foi construído por mãos humanas. Entretanto outros Estudiosos, como Ermundo Carabelli, Fogar, Uri Gelles, Euzo Maiorca, depois de vários mergulhos prolongados, e de longas explorações com equipamento submarino, para realizar várias filmagens, dizem não terem mais dúvidas de que

essa muralha se tratava da antiga Atlântida, afirmam que essa muralha não pode ser capricho da natureza, mas sim obra de homens civilizados, com avançada tecnologia. Realmente estes estudiosos estão certos de que se trata de uma construção colossal.

Para aumentar o mistério, navios inteiros foram encontrados vagando nessa área, mas nem um só dos membros de suas equipagens. Os que primeiro os visitaram encontraram tudo a bordo em perfeita ordem; mesas ainda postas, registros de bordo com anotações recentes e, abertos sobre as escritaninhas, trabalhos apenas iniciados, inclusive uma máquina de costura com um pano preso na agulha. Em suma todos os sinais de uma vida normal, subitamente interrompida. Por quem? E porquê?

Há cerca de dois meses e pouco, quando a expedição de Ambrogio Fogar chegou a Miami, prevaleciam duas hipóteses. A primeira, constante dos relatórios da coast guard (guarda Costeira) dos Estados Unidos, afirma que o percentual dos acidentes verificados no Triângulo da Morte é simplesmente proporcional ao intenso tráfego marítimo e aéreo que cruza essa zona. Quanto ao facto de não terem sido nunca encontrados os destroços dos navios e dos aviões desaparecidos ou acidentados, esse relatório observa tratar-se de zona atravessada por poderosas correntes marítimas, que podem carregá-los para muito longe. Isso significa para as pro/undezas de milhares de metros de um vasto Oceano. A hipótese poderia ser aceita sem qualquer discussão. Mas que dizer dos navios encontrados intactos, sem um só tripulante? Será também uma lenda a história desses navios-fantasma?

A outra hipótese é contrária à primeira. Sustenta-se que o volume de tráfego de modo algum justificaria tantos acidentes. Centenas de navios e aviões não poderiam desaparecer durante trinta anos sem que jamais deles se encontrasse o menor vestígio.

Quanto aos navios abandonados à deriva, em mares tranquilos, sem viva alma a bordo, não se trata de lenda, mas de realidade, comprovada por numerosos testemunhos. E essa história é ainda mais longa, porque dura séculos.

Mas afinal qual a razão da frequência e do tipo de acidentes que ocorrem no Triângulo da Morte? É uma questão que ainda permanece em suspenso. As investigações continuam, mas ainda ninguém conseguiu explicar este facto.

«Manchete» revista brasileira

Cartas

Porto, 19 de Maio de 1977
Excelentíssima Direcção da
Jaeoca — Antas

Porque considero o Movimento Jaeoca como um dos mais positivos entre os positivos da Paróquia, é com agrado que nele inscrevo todo o agregado familiar.

A vossa Circular veio ao encontro de uma intenção que já tinha, tendo o mérito de me impor um «já».

Acho que toda e qualquer iniciativa ou Movimento que tenha por fim elevar o nível cultural e formativo da vossa

Nem tudo corre como se deseja. Que o diga o nosso leitor Domingos Laranjeira:

14-6-77

Sr. Reitor:

Os meus respeitosos cumprimentos. Pela conversa que ontem tivemos acerca do Sacrário é meu dever expor os meus pontos de vista quanto ao mesmo e que são os seguintes: Já há muito tempo se falou nisso ao sr. P. Vilas Boas ele pôs o problema em conselho paroquial e um dos membros e de Guilheta lhe disse nestes termos:

Sr. Reitor tenha cuidado com esse homem e repetiu a frase mais duas vezes.

Quando o sr. veio para esta paróquia, quando lhe falei da 3.ª missa lhe falei no Sacrário o que o sr. achou boa ideia; várias vezes se tem abordado o problema e agora o sr. Reitor diz que não justifica.

Enão justifica-se pecarem por vezes as pessoas sem receberem a comunhão quando na missa não chega? Justifica-se que qualquer pessoa que queira fazer uma visita ao Santíssimo se tenha de deslocar à igreja? E mais valoriza a capela impondo-lhe mais respeito. Cá não se justifica mas

juventude deve merecer o carinho e ajuda de todo o adulto que se sinta verdadeiramente consciente da sua responsabilidade na sociedade em que vive. Tudo o que for capaz de encher o vazio encontrado na alma já não só dos jovens mas até das crianças de hoje deve ser bem recebido por todos os pais e educadores.

Augurando os melhores êxitos, subscreve-se com muita estima e consideração.

O paroquiano amigo
António Afonso Vaz Saleiro

justifica-se nas Marinhas em S. Romão em Alvarães e no Castelo. O sr. Reitor já pensou quanto custa a uma pessoa de saúde débil fazer o percurso até à igreja e voltar até porque nem todos têm carro.

O sr. Reitor já pensou que eu não estou a pedir para mim mas sim para todos? Eu penso que uma missa e um Sacrário não são fontes de disórdia mas sim de unidade.

Como não vejo interesse em que vá por diante eu podia fazer um levantamento a favor mas não o farei. São coisas minhas, mania talvez, pergunto ao povo e ele que responde. Quem achou obra meritória sanear-me da capela acho por bem que faça a festa pois eu não a farei, ou acha que se eu tivesse interesse estava calado até agora?

De resto certas coisas de que o alertei continuam na mesma.

Um Sacrário não se justifica.

Se fossem uns matraquilhos. Fique porém descansado que não lhe farei mais pedidos nem sombra aos que pensam que lhe ando a fazer.

Se os papéis que me pediu lhe não fazem falta agradeço que me devolva mas só quando lhe não fizerem falta.

Sem outro assunto me subscrevo com estima, Domingos Laranjeira. (Sic.)

Se Soubéssemos escutar Deus Se soubéssemos olhar a vida...

Se soubéssemos olhar a vida com os olhos do próprio Deus, então veríamos que nada do mundo é profano; tudo, ao contrário, participa na construção do Reino de Deus. Assim, pois, ter fé não é somente erguer os olhos a Deus para contemplá-lo; é, também, olhar a terra, mas com o olhar de Cristo.

Se tivéssemos deixado que Cristo penetrasse em todo o nosso ser, se tivéssemos purificado bastante o nosso olhar, o mundo já não seria para nós um obstáculo; seria um perpétuo convite a trabalharmos para o Pai, a fim de que, em Cristo, venha o Seu reino na terra como no céu. É preciso pedir a Deus fé para sabermos olhar a vida.

... TODA A VIDA SE TOR-NARIA UM ACENO

Se soubéssemos olhar a vida com os olhos do próprio Deus, toda a vida se tornaria um aceno: inúmeros gestos de amor do Criador em busca do amor das Suas criaturas.

Se o Pai nos colocou no mundo, não foi para que andássemos de olhos no chão, mas O acompanhássemos pelas marcas que deixou em todas as coisas, nos acontecimentos, nas pessoas, tudo nos deve ser revelação de Deus.

Não há necessidade de longas orações para sorrir a Cristo nos mais pequenos pormenores da vida quotidiana.

... TODA A VIDA SE TOR-NARIA ORAÇÃO

Se soubéssemos escutar a Deus, se soubéssemos olhar a vida, toda ela se tornaria oração. Pois toda ela se desdobra sob o olhar de Deus e nada deve ser vivido sem lhe ser oferecido livremente.

As palavras de cada dia servem-nos antes de tudo como traço-de-união com o céu. A oração silenciosa que se desprende das palavras nunca deve separar-se da vida, pois a vida de cada dia é a matéria prima da oração.

(Adaptado)

Temas e Problemas

(Conclusão da 7.ª pág.)

te reforçado alimentar) oferecido às escolas pelo J. A. S. E., por falta de água e luz. O Fogão a utilizar é eléctrico e a água é necessária à respectiva limpeza das panelas.

Quanto à água todos devem calcular os problemas que daí advêm: instalações sanitárias entupidas, falta de limpeza e o que é mais grave a possível aparição de doenças contagiosas por falta de higiene. O encarregado das obras escolares recomendou-nos as sanitas fechadas enquanto não houvesse água e é o que se tem feito.

Custa a crer que as autarquias locais fossem por cima destes dois problemas fundamentais e essenciais ao bom funcionamento e organização dum estabelecimento de ensino.

As crianças não fazem manifestações de protesto nem barulho para exigirem os seus direitos.

Por isso elas são sempre as vítimas das acções dos adultos.

O Conselho docente

Agricultura

(Conclusão da 6.ª pág.)

secretário, tesoureiro e outros directores, de acordo com os ramos de actividade da organização e recrutados entre os seus membros.

No Brasil, o Director da Secção (sempre eleito democraticamente pelos seus companheiros) deve existir apenas por uma questão de ordem interna, sem que a sua qualidade lhe confira uma verdadeira superioridade de posição perante os demais membros. Ele não deve dar ordens para os outros executarem. O seu papel será só o de conduzir a troca de ideias, provocar debates sobre propostas que fizer ou que lhe forem apresentadas, sempre dentro da mais perfeita identidade de propósitos. Recebendo sugestões dos consócios, o director aumenta os seus conhecimentos, os quais, por sua vez, são transmitidos a outros. Um participa do que outro pensa e todos, no conjunto, trabalham para o mesmo fim comum.

Neste grande país, os Clubes 4 H funcionam junto das escolas públicas e particulares, especialmente no interior, baseando-se no princípio de que, se educar é preparar para a vida, a alfabetização, por si só, não satisfaz, sendo necessário despertar nos cidadãos de amanhã o gosto pelas actividades produtivas, orientando-os para os trabalhos agrícolas, de modo a criar nos jovens, desde a infância, a consciência do seu valor como factores positivos na sociedade.

Desta forma, os responsáveis brasileiros breve reconheceram que as escolas primárias e os colégios das zonas rurais, para assumirem o seu verdadeiro papel de agentes locais do progresso social, deveriam incluir na sua orgânica a missão de criarem, nos educados, uma mentalidade ruralista, procurando gravar profundamente nas suas consciências, a compreensão do perigo que o

abandono dos campos representa para o Brasil, preparando o aluno para saber enfrentar os problemas da vida no seu ambiente social.

O que se passa entre nós é a existência duma escola primária que não procura atrair o espírito da criança para as coisas da natureza que a cerca, tratando as matérias com uma determinada abstração, sem procurar incutir-lhes o interesse pelos problemas do meio em que vivem. Pelo contrário, nos Clubes Agrícolas, os trabalhos escolares adquirem nova forma de aprendizagem, a qual se torna vivida, excitante, porque gira em torno de actividades objectivas.

Os Clubes Agrícolas não tem o propósito de formarem agricultores, nem pretendem «profissionalizar» os seus alunos, antes imprimem um sentido prático à educação e ao ensino, pois habituam as crianças a raciocinarem em presença de factos reais, de coisas concretas, fenómenos e problemas, usando a observação directa como ponto de partida para a formação de ideias, num ambiente de sã liberdade.

Constituem factos concretos do que se afirma, por exemplo, o facto de se não incutir na criança uma consciência esclarecida quanto à necessidade de defesa e conservação do solo, quanto ao perigo da deflagração de incêndios por descuidos com fósforos e brincadeiras inocentes, pelo culto da árvore e pelos animais úteis à vida colectiva do campo, à importância das abelhas no acto da fecundação das flores, etc., etc.

E que dificuldade haveria em fazer-se que as crianças ficassem com uma verdadeira noção do «solo» encarado como o maior património nacional, secularmente sujeito à desagregação e à esterilidade?

III-Reuniões periódicas e ordinárias dos clubistas

Um dos detalhes mais importantes do programa de um Clube 4 H é o que diz respeito às reuniões regulares, que devem ser realizadas por força

Para dormir bem

Muitas vezes não conseguimos dormir bem, por estarmos excessivamente cansados. Os efeitos do cansaço em demasia perturbam e atormentam a mente, criando um estado de nervosismo que nos impede de conciliar um sono reparador.

Nesses casos, é melhor levantarem-se e banhar os pés com água bem quente. Desta maneira, o sangue se retirará da cabeça, descongestionando-a e permitindo-lhe desfrutar de um sono tranquilo.

dos estatutos, mês a mês ou de duas em duas semanas.

Essas reuniões, que são conduzidas em estilo verdadeiramente democrático e parlamentar, admitem discussões, sugestões e exposições em torno de todos os assuntos de interesse geral ou relacionados com as dificuldades de cada um. Processam-se à mesa redonda ou, melhor, ao ar livre, em ambiente de liberdade e despedidas de todo o protocolo.

No decorrer das mesmas e com o objectivo de elevar no espírito dos jovens, sentimentos de amor à Pátria, sua história, Homens e tradição, são feitas preleções e realizados debates sobre a cultura, política e acontecimentos civis.

Cabe, também, nessas reuniões a discussão em torno do programa recreativo do clube e da instituição de datas consagradas, tais como o DIA DOS PAIS, DIA DOS PROFESSORES, DIA DA ÁRVORE, etc.

Março de 1977

Compilação e transcrições de
M. Pacheco de Azevedo

O riso não paga imposto

Anedotas

— José eu não te disse que arejasses o meu gabinete. Afinal deixaste-o fechado e o fumo não saiu.

— Se não saiu foi porque não quis, eu deixei a chave na porta.

— Sabes, Tonito, porque é que o sol se mostra raramente no inverno?

— Sei, sim, Sr. Professor! É porque tem medo do frio!

Porque será?

Que ainda se não formou o «Sindicato dos mendigos», em Portugal? Não serão eles os que mais reivindicações têm a fazer? Não seria justa a sua luta?

Porque será que o «Sindicato dos desempregados» não apareceu ainda? Será que já não há desemprego nestas paragens? Não seria justa a luta de quem pretende um posto de trabalho?

Porque será que ainda não surgiu o «Sindicato dos estropiados»? Não terão esses também reivindicações a fazer? Não seria justa também a sua luta?

Ou será que só os parasitas, os oportunistas e os polidores de esquinas que enxameiam Portugal é que têm direito de falar, de fazer reivindicações, de encetar novas formas de luta?

Porque será que tantos progressistas se mostram tão alérgicos aos calos nas mãos e com tão acentuada tendência para a gritaria? Se ceassem os calos na língua talvez os outros pudessem viver mais sossegados!

Porque será que ainda não foi criado o «Sindicato dos saneados» atirados para o desemprego, para dar lugar aos incompetentes, que só sabem guindar-se a postos de chefia espezinhando a justiça? Será por não terem nada a reivindicar? Será porque a luta seria inglória? Talvez. Pois a injustiça campeia e é capaz de se encobrir com toda a espécie de máscaras... Até com a máscara da justiça!

Porque será que os «saneados», já reabilitados por quem de direito, não têm podido reocupar, em muitos casos, os seus postos de trabalho? Será que as minorias histéricas e demagógicas têm mais poder que o governo legitimamente constituído? Ou será que é indispensável ao pro-

gresso do País a continuação do império da incompetência?

Porque será que as exportações não aumentam?

Se é tão alta a produção de greves selvagens, comícios, conferências de imprensa, «slogans» demagógicos, golpismo, empresas falidas, pornografia (será que disto só importamos?), canções revolucionárias baratas, assaltos a Bancos, cinzas de florestas queimadas, estilhaços de explosões, ruínas de Embaixadas e de sedes ou delegações de partidos, ocupações selvagens, défices de empresas nacionalizadas ou intervencionadas, paralisações de trabalho... Porque não enlatar estes produtos e exportá-los? Passaríamos a ser o maior exportador mundial. Inicie-se uma vasta campanha de publicidade. A produção continua em alta escala! Os produtos são genuínos e modernos. Condecorem-se os produtores! Ninguém os suplanta em originalidade! Aliciem-se os importadores! O feito ultrapassará em glória a façanha dos Descobrimentos! E também há-de surgir um novo Camões... para o eternizar.

Porque será que não põem em marcha, já, esta ideia genial do

MIRONE SEM BESTUNTO

Na Bovina

Soubemos que:

Se fez a avaliação semestral dos animais no dia 13 de Junho dia de Santo António de que resultou o seguinte:

215 sócios — 26 cabeças de bois e touros — 390 de vacas e touras com valores de 9.561 contos e quinhentos escudos.

A Bovina ainda dá conhecimento de que esteve em cobrança mais um rateio de 2\$50 por cada mil para pagar uma vaca ao sócio Domingos Pires Laranjeira no valor de 25.000\$00.

Aviso a todos os sócios da Bovina desde que haja rateio em cobrança, do início até ao último dia o cobrador, nesse período de tempo procurará o sócio uma vez para o pagamento; o sócio deverá nesse período de tempo avistar-se com ele; terminado o prazo o cobrador entrega na secretaria da Bovina as cobranças: Os não pagos devem fazer o pagamento na secretaria, mas nesse período o sócio não tem regalias; depois de pago volta a ter as mesmas regalias, mas só passados oito dias.

CONTO

(Conclusão da 8.ª pág.)

— Sabe que tenho cinquenta e cinco anos e até hoje ainda ninguém me faltou ao respeito?

— Tio Henriques...

— Pois se não sabe, vai ficar a saber.

Levantou o pau de lado para lhe dar uma ensinadela naquele traseiro. Mas precisamente naquele momento a mulher ajoelhou a pedir misericórdia «por alma de quem lá tinha»... E a paulada que já se metera a caminho, foi-lhe direita à nuca. E a mulher caiu redonda no chão.

Ficou só em silêncio. E o olhar parado do Henriques, a estranhar os pinhais. Um ermo, como ele nunca vira em trinta anos de monte.

— «Cerca, cerca daí».

Andava gente ali para cima. O Henriques com o mundo às costas avançou até lá. Nem os marcos o conheciam.

— «Pilha, não deixes passar».

— «Agarra tu que eu deixo fugir».

Era o Quim e a Candita que corriam atrás de uma rolita, mal saída ainda dos gravetos de um pinheiro manso.



Leia e divulgue «VOZ DE ANTAS», a nossa voz.

ASSINATURA ANUAL 75\$00
ASSINATURA (Estrangeiro) 95\$00

Próxima equipa redacção:

MARIA DE FATIMA OLIVEIRA
SALEIRO

MARIA ISABEL

Soubemos e registamos

(Conclusão da 12.ª pág.)

Os empréstimos continuam a chover! Até quando?

Será verdade que parte dos últimos se destinam a pagar juros? Gostávamos de saber.

E quem nos explica como vão ser pagos os empréstimos?

Já agora ensinem os ignorantes.

Um telegrama demorou 3 dias a chegar do Porto a Águas Santas. É o cúmulo da eficiência! Parabéns ao CTT!

O Partido Comunista intitula-se partido dos trabalhadores. Será por defender os trabalhadores ou por melhor que ninguém os saber instrumentalizar? Gostaríamos de ouvir o testemunho dos trabalhadores lançados no desemprego com a falência das Empresas que os submarinos do PC arruinaram.

De pés e mãos amarrados, apareceu dentro de um poço o cadáver de um pastor, lá para os lados do Alentejo. Mais exactamente nuns terrenos próximos da Vila de Montemor-o-Novo.

Razões do crime? Não se conhecem. Sabe-se porém que tinha sido despedido de duas UCPs (Unidades Colectivas de Produção), feudos do PC.

Também se sabe que não conseguia obter trabalho em herdades ou cooperativas dominadas pelos comunistas...

Divagando

(Conclusão da 12.ª pág.)

terra que os viu nascer e da língua que aprenderam a balbuciar na infância e a escrever na escola...

Amam a Pátria distante! E sentem mágoa por se verem tratados como filhos espúrios, quando em Portugal aparecem para matar saudades...

Trabalham duramente, longe da Pátria...

Angariam divisas preciosas para o País...

Nas visitas esporádicas a Portugal, verificam com revolta que muitos dos seus compatriotas, de braço dado com a greve selvagem, continuam a produzir miséria para os Portugueses...

Pena tenho de continuar atafegado no meu analfabetismo!

Gostava de possuir o talento de Camões para cantar em estrofes de ouro o heroísmo do Emigrante Português e a traição dos «progressistas» mesquinhos dos nossos dias que se intitulam trabalhadores por desporto e nem por desporto têm coragem de pegar numa enxada, numa picareta ou numa pá!

Analfabeto Sonhador

eles que são os defensores do povo trabalhador!

Alguém «condoído» da sua infelicidade deve ter decidido acabar com os seus azares e sofrimentos... Estranha caridade!

Em 2 de Novembro de 1975, partiu do Lobito um navio (o Brigit Maersk) com 1.235 viaturas. Na descarga, em Lisboa, verificou-se que vinte e tal carros tinham voado, mesmo sem ter asas!... Explicações? Ninguém as sabe dar. O manifesto de carga do barco também evaporou...

Como sempre quem lucra são os oportunistas, porque não há a quem pedir responsabilidades...

O Banco de Angola processou judicialmente a firma «Máquinas Pinheiro, L.da» da Trofa, para lhe exigir a liquidação de saques referentes a facturas de fornecimentos para a ex-colónia de Angola, no ano de 1974.

Não era de esperar outra atitude da honestidade de um Banco Emissor que se recusa a aceitar o dinheiro que emitiu. Para quando um processo judicial a pedir responsabilidades ao Banco de Angola?

Já agora uma sugestão: talvez «Máquinas Pinheiro, L.da» pudesse obter dos «Retornados» o papel-moeda emitido pelo Banco de Angola, para satisfazer as exigências de pagamento...

No mês de Junho, trabalhou-se, em Portugal, 18 dias. O mês é de 30. Não haja dúvidas que não falta austeridade no trabalho e na produção!... Garantia segura de recuperação económica! Se a isso juntarmos as manifestações de rua e as greves temos a melhor carta de recomendação para aposentar aos investidores estrangeiros...

Para as comemorações festivas do dia das Comunidades, levadas a efeito na Guarda, foi nomeada, mui democraticamente, uma comissão de que faziam parte: 7 socialistas, 5 comunistas, 2 membros do PSD e 1 do CDS.

Recordamos, para os esquecidos, as percentagens apuradas, no distrito da Guarda: 32,1% dos votos para o CDS, 25,7% para o PSD, 25,1% para o PS e 2,9% para o PC. A democracia oferece-nos destes cozinhados exóticos!

Dizem-nos que há em Portugal 20 mil casas ocupadas ilegalmente.

Dois terços destas casas pertencem a emigrantes!

Boa maneira de entusiasmar os emigrantes a mandar divisas para Portugal! Estarão eles dispostos a continuar a alimentar parasitas e oportunistas?

Repórter Banal

Memórias da nossa Terra

(Conclusão da 2.ª pág.)

retiravam com todos os seus tarecos levando no papo 1.844\$525; houve pois o acréscimo de 44\$525 que foi para o levantamento do arco cruzeiro, e note-se que andando aqui tanto tempo a ninguém deixaram saudades. Sa-fa! Apre!

Logo que os pedreiros reti-

raram, o Il.º sr. Manuel José Alves de Azevedo negociante no Porto e que já se tinha definido como bom patriota, mandou colocar tudo à sua custa, um bom pára-raios. Deus Nosso Senhor o defenda de todos os perigos assim como ele procura a defesa da sua igreja.

Depois que a pedreira

retirou, julguei que ficaria tranquilo; mas muito me enganei. Quando o mestre carpinteiro Manuel da Cunha Pereira, da freguesia de Vila Fria desorou aqui um formigueiro de oficiais que (a não ser o Pita de Vila Franca e o Dias de Mazarefes) não valiam os guizos de um gato, eu fiquei furo: não sabiam nada, eram puras sanguessugas. O mestre sempre em viagens, ora para Ponte de Lima, ora para Viana do Castelo, ora comprando madeiras, ora ferragens, as quinzenas eram medonhas, não havia dinheiro que lhes tapasse as goelas e diga-se, isto só arrostado por um careca. Quando a igreja já tinha o espinhaço, apareceu logo o mestre-trolha Manuel Joaquim Fernandes da freguesia de Deão, com o seu alcaide, Francisco Abreu, de freguesia de Alvarães, ambos eram artistas, mas o primeiro era músico e o segundo sabia música; nunca vi demónio tão preguiçoso; metia nojo. O mesmo trolha quis imitar o mestre carpinteiro: largou em torno da igreja um tal cardume de trolhinhas que metia medo; eu estava como os moradores do monte atlante que amaldiçoam o sol quando nasce e quando se põe; mas não valia chiar; meteram-se dentro do queijo e só depois de bem rapado o foram largando.

Os sinos já eram quatro mas eram arrapazados; dos antigos só ficaram dois, o do norte e o do sul, e os do nascente o poente foram novos e não ficaram baratos.

Em 1898 foi o novo cruzeiro levantado no meio de muito foguetório e musicório não faltando também o clássico repique.

Em 1903, quando S. Majestade o sr. D. Carlos veio ao monte da Figueiró presidir às manobras, o trolha Caramalho andava assentando o azul-lejo da nossa linda igreja.

Em 1904, no primeiro dia do mês de Dezembro, pelas onze horas da manhã entrou nesta igreja de S. Paio le Antas, o Ex.º e Rev.º Sr. D. Manuel Baptista da Cunha, digníssimo arcebispo de Braga, Primaz. Foi um dia de júbilo como raro tornará: a igreja estava literalmente cheia de povo. O sr. Arcebispo, apesar de muito fatigado mostrou-se muito alegre e disse em casa do Ex.º sr. Dr. José Bernardino de Abreu e Gouveia, onde teve lauto jantar, que a última igreja que visitava em 1904 era a desta freguesia e que fora tão feliz que fechou a visita pastoral com chave de ouro.

No livro dos Capítulos que se acha no arquivo desta, se vê o conceito que o nosso bondoso arcebispo fez da igreja de S. Paio de Antas.

Estes apontamentos como foram feitos em diversos anos e ao correr das obras ficaram uma peste medonha.

P. José Bento da Mota

Uma consulta ao Mapa das curiosidades

1) Rendimento do Bar (Centro Paroquial) em Junho: 6.745\$50. Revertendo 3.372\$80 para a Igreja e 3.372\$70 para o Movimento Associativo Apostolado da Juventude.

2) Movimentaram-se 2.783\$00 em matraquilhos. (Ver quadro anexo).

3) Rendimento das esmolas colocadas na salva da festa de S.to António (dia 13 de Junho) 3.030\$00 acrescidas pela entrega de 1.300\$00 de um devoto e 500\$00 de outro.

Na festa de S. Paio (dia 27) 1.150\$00.

Festa de S.ta Tecla (em 1976) Receita: 57.500\$00; Despesa: 85.500\$00.

A cada comissário: 160\$00.

E, se tiver paciência, pouse os olhos neste mapa de contabilidade.

I-BILHARES:

Junho-Dia:	cada jogo 1\$00
1	100\$00
2	40\$00
3	46\$00
4	64\$00
5	185\$00
6	48\$00
7	46\$00
8	79\$00
9	296\$00
10	73\$00
11	114\$00
12	325\$00
13	200\$00
14	21\$00
15	57\$00
16	23\$00
17	59\$00
18	87\$00
19	333\$00
20	35\$00
21	66\$00
22	54\$00
23	52\$00
24	64\$00
25	75\$00
26	339\$00
27	27\$00
28	87\$00
29	50\$00
30	38\$00
Total	2.783\$00

II-BAR:

Águas Vidago	12
Bagaços	210
Baunilhas	398
Cervejas	392
Gasosas	40
Portos	72
Sumóis	474
Cafés	512
Taçás	496
Batata Frita	93
Vinho Régua	22
Galões	39
Traçados	54
Mártinis	78
Laranjadas	166
Sumol Ananás	130
Nescafé	2

Responsáveis: Benedito Meira e Cândido Laranjeira

Soubemos e Registamos

O jornal «Izvestia» de Moscovo dá-nos conta da seguinte medida governamental: «Os condutores de tractores soviéticos que utilizem demasiado combustível na colheita deste ano terão de pagar metade do combustível extra do seu próprio bolso».

Esperamos que tão progressista medida seja posta em prática lá para os lados do Alentejo!... Ou será que os «camaradas» consideram a medida progressista na Rússia e «reaccionária» em Portugal? Não seria caso inédito!

Ainda não percebemos por que as mesmas pessoas que tanto defenderam a independência do Ultramar se apoiam tanto com a autonomia dos Açores. Ontem preconizavam o diálogo com os movimentos emancipacionistas. Hoje negam o diálogo com os Açoreanos descontentes!

Onde está a lógica e a coerência?

Será apenas uma questão de cores políticas? Ou uma maneira de desviar as atenções de problemas muito mais graves que afligem Portugal?!

Diz-se que os Partidos Políticos vão receber chorudas somas dos cofres públicos que continuam a esvaziar-se aceleradamente... E nós a pensarmos que seriam os Partidos Políticos a suportar à custa própria as despesas destinadas a limpar a sujeira feita nas paredes, edifícios e monumentos!...

Não há dinheiro para resolver condignamente os problemas da 3.ª idade e tantos outros, mas não vai faltar dinheiro aos Partidos para inundarem o País de cartazes de propaganda, comunicados e contra-comunicados, pinturas de paredes com «slogans» demagógicos em perene campanha eleitoral...

A taxa anual de Conservação de Colectores dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento no Conselho de Cascais passou de 420\$00 para 2.520\$00. Pelo menos, disso nos dá conta um contribuinte. Aumentou portanto 600%. Só!

Belas medidas de austeridade! Não haja dúvidas.

Cada vez admiramos mais certos políticos da nossa praça. Não conseguem ver senão defeitos na longa noite fascista. Em contrapartida só vêem qualidades a realçar na ridente manhã de sol iniciada em 25 de Abril de 1974. Já durante a vigência do «Estado Novo» só se viam defeitos na 1.ª República (1910-1926) e virtudes no regime que governava Portugal. Originalidades que se repetem. Como a moda.

Alvaro Cunhal divorciou-se da Assembleia da República. Razão: dedicar-se às árduas tarefas do Partido. Há que admirar Mário Soares. Sobre-lhe o tempo para viagens ao Estrangeiro, Comícios, inaugurações, reuniões de cúpula do Partido e para ser Governo... sem alternativa democrática.

Também neste particular, há mais de 50 anos que ouvimos dizer isto ou coisa muito semelhante!

Reunindo cerca de 14% do número total de eleitores, a lista afecta ao Partido Comunista venceu as eleições para a direcção do Sindicato do Comércio de Lisboa.

A maioria absoluta continua a ser a dos abstencionistas. Porquê? Cansaço de eleições? Tédio da Partidocracia? Saturação de demagogia? Um pouco de tudo talvez.

Ninguém se esqueça porém, que são os abstencionistas que têm facultado vitórias diversas e sucessivas aos comunistas!

Andam as cúpulas dos Partidos ultimamente muito entretidas a mimosear-se com dichotes ácerca de narizes, bochechas, sobranceiras, olhares, dos principais políticos portugueses.

Depois destas lições magistrais já o povo português deve ficar altamente politizado! E edificado! O que os 50 anos de «fascismo» não tinham permitido!

«Camões enquadra-se perfeitamente no espírito do 25 de Abril», afirma Jorge de Sena.

E nós a pensarmos que ia surgir um novo Camões para cantar em estrofes de ouro a «Exemplar Descolonização», «feito tão heroico como o dos Descobrimientos»!

(Conclui na 11.ª pág.)

Decálogo para a Primeira Comunhão

Seria bom que não só as crianças mas também os seus pais e educadores tomassem em consideração estas normas que podemos chamar o Decálogo para a Primeira Comunhão:

1) Receber o Senhor para se unir a Ele plenamente da maneira mais íntima que imaginar se pode.

2) Comungar, nesse dia, todos os membros da família, especialmente os pais, os padrinhos e os irmãos.

3) Comungar dentro da missa paroquial, no momento próprio. Não faz sentido que, para este acto, se procure outra igreja, mesmo que se trate dum Santuário.

4) Usar trajos simples. Nada de espavento. Não é obrigatório meter nas mãos das crianças um terço. Será, sim, de recomendar, rezar todos os dias, com elas um mistério do Rosário.

«É preciso relançar a economia!» Milhares de vezes se tem ouvido esta afirmação. É uma preocupação do Governo. É um desejo do povo. É uma necessidade do País!...

Falta passar da teoria à prática! Mas será possível essa tarefa enquanto grande parte dos trabalhadores portugueses continuar a viver em mancebia com a Preguiça?! Será possível o relançamento

da economia enquanto os auto-proclamados «trabalhadores progressistas» continuarem a fazer tudo menos trabalhar?!

Para mim, que sou analfabeto, a solução é de uma simplicidade comparável à do ovo de Colombo! Vejamos.

Permita-se o trabalho aos desempregados. Eles têm o vício de trabalhar. Não sabem nem querem fazer outra coisa. Bem sei que alimentar vícios é um problema grave!... Alimentar este porém, não causará prejuízo. Antes pelo contrário dará bons resultados! Faça-se a experiência.

Os trabalhadores (que só o são de nome) poderiam ir passar uma lua-de-mel inesquecível com a Preguiça! Longe dos locais de trabalho. Respeitar-se-iam assim os gostos de uns e outros...

Depois dessa deleitosa lua-de-mel, poderiam dedicar-se a adquirir hábitos de trabalho. Bom exemplo lhes poderia dar os emigrantes portugueses... Viciados no trabalho duro, mas nobre, digno e criador de riqueza, longe das esposas idolatradas e dos filhos queridos, não poucas vezes, ganham o pão que o diabo amassou... Com quanto sacrifício! Com quanta dor! Com quantas lágrimas! Com quanto suor!

Muita gente os vê com maus olhos e os inveja, porque os aprecia apenas pelos magros e bem merecidos dias de férias que vêm passar a Portugal. E até as férias são passadas no trabalho duro... muitas vezes.

Eu tento ver mais longe. Adivinho a dureza do seu trabalho. O contacto com mentalidades tão diferentes da nossa... A convivência com colegas de trabalho nem sempre compreensivos, nem sempre amigos do seu amigo... Até a língua misteriosa de um país estrangeiro lhes faz avivar as saudades da

(Conclui na 11.ª pág.)

O riso não paga imposto

Anedotas

1. — Porque andas tu para aí às cambalhotas.

— Porque me esqueci de agitar o remédio que tomei...

2. — Confessa que partiu a bengala deste senhor?

— Sim, mas foi sem querer.

— Como pode ser isso possível?

— Pertendia partir-lhe a cabeça, sem partir a bengala.

3. — Muito obrigado, Padrinho, pela corneta que me ofereceu no dia do meu aniversário.

— Já aprendeste a tocar, Joãozinho?

— Não. Nem aprenderei.. porque a mamã dá-me 5\$00 por semana para eu não tocar de dia e o papá 10\$00 para eu não tocar de noite...

4. Numa pensão serviram a determinada cliente maçãs meio podres. A hóspede chamou o servente e disse-lhe:

— Na lista das ementas há um erro tipográfico, onde se

lê «fruta variada» devia ler-se «fruta avariada».



Foi verdade, sim senhor!

Foi encontrada no bolso de um suicida a seguinte carta:

Ex.º Sr. Delegado da Polícia:

Não culpo ninguém pela minha morte. Deixei esta vida porque um dia mais que vivesse, acabaria por morrer louco. Explico-lhe Sr. Delegado:

Tive a desdita de me casar com uma viúva a qual tinha uma filha. Se eu soubesse disso, jamais teria casado. Meu pai para maior desgraça era viúvo e quis a fatalidade

que ele se enamorasse e casasse com a filha de minha mulher. Resultou daí que a minha mulher se tornou sogra do meu pai. A minha enteada ficou a ser minha mãe e o meu pai era ao mesmo tempo meu genro. Após algum tempo a minha filha trouxe ao mundo um menino que veio a ser meu irmão, porém neto de minha mulher de maneira que fiquei a ser avô do meu irmão.

Com o decorrer do tempo, minha mulher também deu à luz um menino que como irmão de minha mãe era cunhado de meu pai e tio do seu filho, passando minha mulher a ser nora da sua própria filha.

Eu, Sr. Delegado, fiquei a ser pai de minha mãe, tornando-me irmão de meu pai e meus filhos; a minha mulher ficou a ser minha avó; já que é mãe da minha mãe.

Assim acabei sendo avô de mim mesmo.

Portanto, Sr Delegado, antes que a coisa se complicasse mais, resolvi desertar deste mundo.

5.000 mulheres portuguesas exigem para si o direito de matar

No passado dia 8 de Março foi entregue ao Presidente da Assembleia da República um volume com 5.000 assinaturas a pedir que sejam retiradas todas as leis repressivas do aborto (2 a 8 anos de cadeia).

Exigem também livre acesso aos meios contraceptivos.

No dia 9, à noite, promoveram um debate público para discutir outras formas de luta para conseguir estes objectivos.

COMENTARIO

Aborto é crime por ser a morte de um ser humano, tenha a idade que tiver. É a morte de um inocente feita por aqueles cujo dever é transmitir e conservar a vida.